

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

Departamento de História

**“Cortando as amarras” (?):**

**Análise da trajetória de Dercy Furtado (1942- 1986).**

(Trabalho de Conclusão de Curso em História)

DENISE WALTER XAVIER

Orientador Professor Doutor: Luiz Alberto Grijó

Porto Alegre, novembro de 2009

## **Agradecimentos**

Agradeço ao professor Luiz Alberto Grijó pela ajuda na escolha do tema deste trabalho e especialmente pela paciência e orientação rigorosa.

À professora Carla Rodeghero pela iniciação na pesquisa científica em História e pela oportunidade de descobrir um pouco mais sobre o Regime Militar no nosso estado.

Ao meu pai, Jorge Alonso Dias Xavier pelo exemplo como historiador e preocupação com meu trabalho e futuro.

À minha mãe pelo carinho e paciência e por se fazer presente mesmo na distância.

Às grandes colegas Tatiana Trindade e Mariana Ferreira e Silva pela solidariedade nessa jornada, pelas correções e pelos palpites, mas, especialmente, pelos puxões de orelha, pelos sorrisos cansados, pelas nossas piadas, pelo carinho e pelo samba.

“ São 14:11 e o samba está quente deixe as meninas contentes, deixe as meninas sambarem em paz...”

## Sumário

|                                                                               |       |
|-------------------------------------------------------------------------------|-------|
| Introdução.....                                                               | p.04  |
| Cap. 1-As muitas faces do conservadorismo: A trajetória de Dercy Furtado..... | p.17  |
| 1.1 A voz da mulher.....                                                      | p.20  |
| 1.2 A diferença feminina.....                                                 | p.23  |
| 1.3 A promoção da mulher.....                                                 | p.25  |
| 1.4 A relação com as feministas.....                                          | p.31  |
| Cap. 2- Em nome da mulher e de Deus.....                                      | p.34  |
| Cap. 3- O conservadorismo como profissão de fé.....                           | p.42. |
| Considerações Finais.....                                                     | p.52  |
| Referências Bibliográficas.....                                               | p.54  |

## Introdução

O presente trabalho está centrado no estudo da trajetória da vereadora de Porto Alegre e ex-deputada estadual Dercy Furtado, eleita no período militar, quando funcionava o sistema do bipartidarismo, constando a ARENA, partido de apoio ao governo e o MDB, a então chamada oposição consentida.

Os partidos criados pela ditadura militar tinham atuação restringida pela nomeação dos governadores estaduais e pela eleição indireta à presidência. Podiam, entretanto, concorrer a eleições diretas para as Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas e Congresso Federal. Inserida nesse contexto de restrita participação política, sua ocupação dos cargos de representação pública inicia em 1972, quando foi eleita vereadora pela ARENA e, posteriormente deputada estadual em 1974, 1978 e 1982, pelo mesmo partido.

Dercy Furtado nasceu em Morungava, distrito de Gravataí em 22 de setembro de 1924. Filha de Melíbio Fernandes Vieira e de Etelvina Silveira Vieira. Seu pai era pequeno agricultor e sua mãe era professora. No ano de 1936 a sua família mudou-se para Porto Alegre a convite de um irmão mais velho que já residia na capital, passando então a residir na avenida Nova York, no bairro Floresta.

Fez seus estudos iniciais em casa com sua mãe em Morungava e terminou o primário no colégio Santa Clara em Porto Alegre. Apesar da “alegria” em estudar em um colégio “de verdade” e “das boas notas que tirava”, Dercy “não era feliz naquele ambiente”. “Não podia acompanhar (suas) colegas muito ricas que desfilavam com belas saias rodadas em detrimento das (suas), de tecido barato e vulgar. Na hora da merenda era um desastre, (se) escondia para comer um pão quase seco”.<sup>1</sup> Impossibilitada de fazer o ginásio por questões financeiras, com 14 anos foi trabalhar no laboratório Geyer, “só que não ia fazer belas pesquisas químicas, ia sim, assoprar com (seus) fracos pulmões (pesava 48 quilos) quatro mil e cinco mil ampolas.”<sup>2</sup>

Com o surgimento do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial no Brasil (SENAI) em 1944 teve a possibilidade de voltar a estudar, completando o curso na Escola Visconde de Mauá, onde conheceu o seu professor de português e futuro marido Jorge Alberto Jacobus Furtado, “era bondoso. Inteligente. Meio desajeitado. Mãos de intelectual. Religioso. Para mim “perfeito”<sup>3</sup>.

Casou-se com Jorge Furtado aos 18 anos e teve seis filhos: Cláudio Cesar, Sergio

---

<sup>1</sup> FURTADO, Dercy. Orações que mamãe me ensinou. 5ª edição. Porto Alegre: Editora da FEPLAM, 1984.

<sup>2</sup> Idem

<sup>3</sup> Idem.

Roberto, Nina Rosa, Maria da Graça, Jorge Albero e Thais Helena. Depois de casada e com os filhos criados Dercy Furtado voltou a estudar, prestando vestibular para história na FAPA e alcançando o quinto lugar. Segundo a própria, foi através dos estudos que ficou sabendo porque a mulher era condicionada e subjugada e pôde elaborar cientificamente o que “a própria vida foi pródiga em (lhe) oferecer”.<sup>4</sup>

Participou de diversos movimentos assistenciais e comunitários, principalmente os vinculados à Igreja, juntamente com o seu marido. Presidiu o Movimento Familiar Cristão, foi delegada do Sínodo Arquidiocesano de Porto Alegre e fez parte da equipe da CNBB organizadora do Centro de Promoção da Doméstica. Por sua ligação com a Igreja e, especialmente pela assistência dada às domésticas, Furtado ganhou notoriedade e foi convidada para participar de programas de rádio e de televisão.

Graças a “todo este trabalho, em torno da família é que lembraram (seu) nome para a Câmara de Vereadores”<sup>5</sup>. Convidada pelo então prefeito de Porto Alegre Telmo Thompson Flores se filiou à ARENA e se candidatou à vereança, sendo eleita a primeira vereadora de Porto Alegre em 1972 e atingindo 10108 votos, a mais votada do partido.

Em 1974 foi eleita deputada estadual pela mesma legenda e reeleita em 1978 e 1982 (PDS). Na metade de seu último mandato, em agosto de 1985, abandonou o antigo partido e ingressou no PDT. Em 1986 tentou reeleger-se deputada estadual pela nova sigla, não obtendo sucesso. A partir de então não concorreu mais à cargos eletivos e afastou-se da vida político partidária mais intensa.

Teve grande atuação e notoriedade nos meios públicos, onde pôde defender seus ideais e também utilizá-lo como palanque de suas propostas, uma vez que estava bastante em evidência, ajudando a construir sua imagem e a formar a sua identidade parlamentar. Participou de diversos programas de rádio e televisão e também foi autora de uma coluna no jornal *Zero Hora*, denominada Opinião, onde discutia aspectos relativos à promoção da mulher e à manutenção e valorização da família cristã.

Autora dos livros *Opinião*, publicado em 1974, *Cortando as Amarras*, publicado em 1978 e *Orações que mamãe me ensinou*, publicado em 1984. Seu primeiro livro é uma coletânea de artigos e cartas de leitores publicados em sua coluna de mesmo nome no jornal *Zero Hora*, abordando temas a respeito da defesa da família, felicidade conjugal, diálogo entre pais e filhos, promoção da mulher, entre outros. *Cortando as amarras*, é a cópia de seu discurso proferido na Câmara Federal, à respeito da situação da mulher no Brasil. Neste livro

---

<sup>4</sup> FURTADO, Dercy. “Cortando as amarras”- depoimento. Editora Rhesaurus, Porto Alegre, 1977.

<sup>5</sup> Idem.

Furtado explica quais seriam para ela os motivos da exclusão da mulher e deixa 12 sugestões para os deputados federais para a efetivação da promoção da mesma. Já o livro *Orações que mamãe me ensinou* tem um perfil um pouco diferente dos anteriores, é uma coletânea de orações aprendidas por ela e de algumas de sua própria autoria.

Reconhecida pelo seu papel de defensora dos direitos das mulheres, Dercy Furtado foi organizadora de diversos encontros das mulheres da ARENA, bem como de núcleos femininos do partido em diversos municípios do estado. Também foi convidada para proferir palestras a respeito da promoção da mulher em várias cidades do país e também nos Estados Unidos.

Em sua trajetória parlamentar teve como suas maiores lutas a defesa do planejamento familiar, o direito da aposentadoria da dona de casa e da empregada doméstica, a criação de creches para os filhos das mães trabalhadoras e o direito das contribuintes do IPERS ter seu marido como dependente, bem como diversas outras questões em torno da defesa das mulheres.

Com seu posicionamento forte em defesa da família cristã brasileira e dos bons costumes, proferiu diversos discursos de caráter conservador, principalmente contra o ateísmo, o materialismo, o divórcio, o aborto e filmes pornográficos, sugerindo até a implantação nas escolas públicas de um curso denominado “Preparação para o casamento” a fim de evitar problemas conjugais que poderiam levar ao divórcio e à desestruturação da família brasileira.

Por seu posicionamento conservador à respeito da promoção feminina, manteve um certo distanciamento dos grupos feministas de Porto Alegre, proferindo, muitas vezes, críticas à suas atuações e valores. Muitas das ideias defendidas por Dercy Furtado iam de encontro ao que propunham as feministas, como é o caso do projeto de planejamento familiar proposto por ela enquanto vereadora e que sofreu fortes críticas desses grupos e também da oposição.

Apesar de seus “desentendimentos” com as feministas, foi reconhecida pela grande imprensa gaúcha e também por políticos do estado e recebeu, ao longo de sua carreira diversos prêmios como homenagem pelo seu trabalho, entre eles o *Destaque do Ano Política* da RBS em 1976; destaque *Dez Mulheres do Ano* em 1976; *Medalha Cidade de Porto Alegre* 1984.

Através do estudo da participação política de Dercy Furtado nesse período, este trabalho tem o intuito de melhor compreender quais foram os passos trilhados, caminhos, escolhas e espaços ocupados por esta que será reconhecida publicamente como uma das

principais defensoras dos direitos das mulheres no Rio Grande do Sul.<sup>6</sup>

Este reconhecimento pode ser percebido através de diversos prêmios recebidos, de convites para proferir palestras, inclusive internacionalmente, que tratam do tema feminino e também dos próprios adjetivos que foi recebendo ao longo de sua vida política, (“mulher militante”, “combativa vereadora arenista”, “a voz da mulher”) que a viam como um exemplo de mulher a ser seguido. Seu próprio marido, o conhecido político, Jorge Alberto Furtado, na apresentação do livro *Opinião* de autoria de Dercy deseja:

“Que este livro, fruto do teu trabalho de todos os dias, incentive a todas as Dercys que andam por aí, estrelinhas sem brilho num céu cinzento.. Rompam caminhos do céu como um cometa nervoso, audaz e irrequieto, capaz de andar por órbitas estranhas, despertando as gerações para novos caminhos e novas soluções.”<sup>7</sup>

Também analisa as formas de utilização de seus recursos políticos-principalmente o de gênero - para a construção de sua imagem enquanto uma mulher combativa que luta pelos direitos das mulheres e para a reconversão destes em capital político legitimador e agregador em torno de suas candidaturas e mandatos.

Cabe ressaltar que apesar de analisarmos a utilização deste recurso como capital político, o presente trabalho não é propriamente um estudo de gênero. Apesar de nosso objeto de pesquisa estar voltado para a participação de uma mulher na política e das aproximações com uma bibliografia mais engajada em torno de questões de gênero e das lutas feministas, não pretende analisar a construção da imagem das mulheres da época e nem questionar o seu papel na sociedade. Tem sim, o objetivo de tentar compreender, a partir das concepções femininas vigentes no período, quais eram os requisitos femininos válidos na esfera política, que foram incorporados visando a ocupação de cargos eletivos e como estes recursos eram utilizados e defendidos através de mandatos parlamentares.

Esta monografia está centrada no estudo da trajetória da ex-vereadora e deputada Dercy Furtado, percebendo assim “os capitais específicos de que dispunha, seus trunfos, suas estratégias, seus deslocamentos, a maneira, enfim, como se impôs pouco a pouco, acumulando prestígio e poder, conformando uma rede própria de relações pessoais”<sup>8</sup>.

Também aborda questões relativas à representação política e reconversão de recursos sociais em políticos, capazes de alavancar pessoas aos cargos públicos e de legitimá-los no poder. Partindo do princípio de que existem recursos que são considerados mais ou menos

<sup>6</sup> Conforme prêmio recebido no RJ em 1976 “Dez Mulheres do Ano” e entrevista concedida à Memória do Parlamento em 28/03/2008 intitulada “Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher”

<sup>7</sup> FURTADO, Dercy. “Cortando as amarras”- depoimento. Editora Rhesaurus, Porto Alegre, 1977.

<sup>8</sup> GRYSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem, um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista brasileira de ciências sociais*, n.14, p.73-90, out., 1990.

válidos para a construção da imagem dos candidatos e sua manutenção no poder, o presente trabalho busca mensurar o potencial da utilização do recurso de gênero como válido na esfera do político.

Tendo em vista as questões citadas anteriormente, a análise de sua trajetória inicia a partir seu casamento com o também político Jorge Alberto Jacobus Furtado, quando se dá a sua primeira forma de ascensão política. Conforme Dercy Furtado:

“Por que eu disse que o casamento foi e pode ser uma das formas de dificultar a promoção da mulher no Brasil? Lógico que não precisaria ser. Eu não estaria aqui, e tenho convicção plena disso, se não fosse meu marido.”<sup>9</sup>

Termina no ano de 1986, quando encerra seu último mandato como deputada estadual, não retorna mais aos cargos de representação política, perdendo, portanto, bastante de sua expressão. Acreditamos ser este um recorte bastante adequado, pois a partir desta data, Dercy Furtado deixa de ser uma representante da sociedade, ou conforme ela mesma, uma “fiel intérprete do povo”<sup>10</sup>.

A análise dessa trajetória se faz bastante útil uma vez que há pouco estudo sobre a participação da mulher na política anterior às leis de cotas de 1995. Quando há essa discussão, está mais centrada nas dificuldades de acesso e a não participação efetiva das mulheres na vida pública, não tratando dos espaços ocupados e nem da atuação dessas mulheres em seus mandatos. A questão da ocupação dos cargos públicos eletivos por mulheres é, portanto, uma lacuna a ser preenchida.

Através das leituras exigidas para a elaboração dessa monografia, percebemos que existem, praticamente três tipos de obras que analisam essa questão: Um conjunto de obras, que podemos chamar de militante, de orientação feminista que lutava por direitos no período estudado e à partir de suas análises tentava modificar a situação das mulheres; um conjunto de obras produzidas por cientistas políticas, que abordam, principalmente a participação da mulher na política após a lei de cotas e as implicações dos resultados eleitorais e, finalmente, um conjunto de obras mais recente que, busca resgatar a participação feminina nos movimentos contra a ditadura militar, através da luta armada ou mesmo da atuação nos movimentos de anistia.

Sobre a participação feminina em cargos eletivos durante o regime autoritário,

---

<sup>9</sup> Em depoimento dado no dia 18/8/1977 na 13a Reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, incumbida de emitir relatório sobre a situação da mulher.

<sup>10</sup> FURTADO, Dercy. “Cortando as amarras”- depoimento. Editora Rhesaurus, Porto Alegre, 1977.

podemos citar o trabalho militante de Fanny Tabak e Moema Toscano<sup>11</sup>, sócias do Centro da Mulher Brasileira, que analisa o comportamento da mulher carioca nas eleições de 1978, verificando quais as condicionantes para a escolha dos candidatos e tecendo algumas questões sobre a pequena participação política das mulheres e o seu desempenho político.

Na segunda parte desse trabalho, intitulada *A Mulher na Política*, expõem quais são as dificuldades impostas pelo regime militar a uma maior participação política da sociedade em geral e o seu distanciamento das forças sociais que estavam tentando promover debates de contestação ao sistema vigente e de lutas por interesses específicos de grupos.

“Neste quadro, um desempenho mais efetivo da mulher na vida política torna-se extremamente improvável, na medida em que envolveria, como condição necessária um clima de maior liberdade de discussão e de abertura ao protagonismo das forças sociais em confronto, só factível em uma sociedade pluralista e democraticamente aberta à convivência de posições contrárias”<sup>12</sup>

Entretanto, apesar da recusa do regime militar em aceitar uma atuação feminina mais radical, este permitia a atuação de grupos mais moderados, compostos por mulheres da burguesia e da classe média. Segundo a autora<sup>13</sup>, tais movimentos tinham como objetivo deslegitimar uma luta feminista de tendência extremista e defender os interesses da classe dominante e do regime.

Apesar dessa maior aceitação do regime com esses grupos mais conservadores e defensores da manutenção da ordem, Toscano afirma que estas organizações também tinham participação bastante restringida e esporádica.

“Não é desarrazoado concluir que independente de sua situação de classe e independente mesmo de seus compromissos com a ordem institucional, a mulher brasileira acha-se alienada da política (enquanto totalidade), não se notando senão traços apagados de participação, mesmo por parte de grupos que seriam plena condição de atuar, dentro dos padrões estabelecidos”<sup>14</sup>

Uma exceção feita pelas autoras ao panorama acima exposto é referenciado em nota de rodapé e trata de reportagem sobre a ação do Departamento Feminino da ARENA gaúcha reivindicando maior participação política e sobre discurso da deputada arenista Dercy Furtado, acenando que a atualização da mulher é necessária para uma maior participação feminina de qualidade.

---

<sup>11</sup> TABAK, Fanny. E TOSCANO, Moema. *Mulher e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>12</sup> Idem, p. 71

<sup>13</sup> A segunda parte do trabalho é de autoria de Moema Toscano e faz parte da tese de Livre-Docência apresentada pela autora à PUC - Rio, em setembro de 1976, denominado MULHER, TRABALHO E POLÍTICA, Caminhos Cruzados do Feminismo.

<sup>14</sup> Idem, p.72

É válido ressaltar que uma grande vertente de trabalhos que tratam do tema da participação feminina na política se referem a períodos recentes, especialmente à década de 90, e tratam de debates e reflexões acerca das mudanças promovidas pela lei nº 9.504 denominada “lei de cotas”, que objetivava uma participação mais equitativa entre homens e mulheres na ocupação de cargos públicos.

Como exposto anteriormente, a maioria desses estudos são de autoria de cientistas políticos, que dentro de sua área estão mais preocupadas com a compreensão do fenômeno eleitoral e do comportamento feminino frente às urnas, do que com estudos mais abrangentes que vão tratar das condicionantes histórico-sociológicas implicadas na participação das mulheres na esfera política.

Um trabalho de grande importância, de autoria de Céli Pinto e Maria Lúcia Moritz<sup>15</sup> trata dos perfis e trajetórias de vereadoras gaúchas, objetivando perceber se há ou não um modelo de mulheres que se envolvem com a política no Estado e buscando identificar quais são as suas visões acerca da participação feminina e propostas voltadas para a emancipação das mulheres.

Apesar de não abordar o período por nós estudado, analisando as vereadoras eleitas antes e depois da vigência da lei de cotas de 1995, serve de referencial, na medida em que procura abordar a questão da representação feminina gaúcha como um todo e busca compreender se há ou não a existência de um modelo que pode ser extrapolado para compreendermos quais são as características das mulheres que, de alguma forma se envolvem na política.

Além desses trabalhos cujos objetos de pesquisa são mais recentes, muitos dos trabalhos que tratam do protagonismo feminino do período estudado se referem às feministas e mulheres ligadas às organizações de esquerda, como o trabalho de referência de Ana Maria Colling<sup>16</sup>, que trata da participação feminina na luta contra a ditadura. Através da “construção do sujeito 'mulher subversiva’” durante o regime militar e do discurso da repressão sobre a mulher militante, vai buscar “recuperar sujeitos destinados ao silêncio das paredes domésticas- as mulheres”.

Outro estudo desta vertente que busca resgatar o protagonismo das mulheres de esquerda, através de suas ações e movimentações é de autoria de Heloísa Greco<sup>17</sup> e vai

---

<sup>15</sup> PINTO, Céli R.J. *Perfis, trajetórias e desempenhos: uma pesquisa com as vereadoras gaúchas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

<sup>16</sup> COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à Ditadura Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997

<sup>17</sup> GRECO, Heloísa. *Dimensões fundacionais da luta pela anistia*. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (Tese de doutorado em História)

esclarecer sobre a participação feminina no Brasil através das ações dos CBA's (Comitês Brasileiros de Anistia) e MFPA's (Movimentos Femininos pela Anistia), que no período da “abertura” política foram organizações muito importantes que, juntamente com setores do MDB e da chamada oposição de elite (OAB, CNBB e ARI), estabeleceram com a sociedade um maior debate acerca da anistia e da volta ao estado constitucional através da organização de diversas mobilizações em todos os estados do país<sup>18</sup>.

Em *O feminino e o feminismo*<sup>19</sup>, Paul Singer vai tratar da diferenciação conceitual entre o feminino e o feminismo através da análise de grupos de mulheres do Rio de Janeiro que fizeram, pouco a pouco a mudança na plataforma de reivindicações femininas para reivindicações feministas, através do amadurecimento e conscientização de suas condições enquanto mulheres.

O estudo trata do período da redemocratização brasileira e do renascimento da participação política, especialmente de mulheres, que se organizam e lutam em torno de questões gerais como a carestia, o aumento do preço da cesta básica e do nível de desemprego e, posteriormente agregam à essas lutas reivindicações específicas de gênero, isto é, relativas à igualdade social, econômica e política entre homens e mulheres.

Entretanto, apesar da importância desses trabalhos para uma melhor compreensão do protagonismo das mulheres no período, eles acabam não dando conta de caracterizar a luta de diversas mulheres que compunham organizações femininas, ligadas à Igreja e defensoras da manutenção da ordem e do conservadorismo.

É importante ressaltar que os movimentos de mulheres são ações coletivas com predomínio numérico da população feminina, mas não necessariamente constituídos em torno de identidades e demandas de gênero. Não são movimentos feministas, que questionam o papel das mulheres na sociedade e, muitas vezes, acabam por reforçar as relações desiguais de gênero e o caráter conservador das mesmas, na medida em que alguns desses movimentos menosprezam a luta feminista.

Estudos mais aprofundados da atuação dessas mulheres e dos limites desse campo mais conservador podem ser bastante úteis para que se possa compreender a sociedade da época e até que ponto esta estaria pronta a aceitar mudanças mais profundas.

Além disso, atentamos para a importância do estudo de trajetórias que, além de elucidar os mecanismos internos utilizados para a ascensão social, através da construção de uma imagem, também são capazes de responder à outras questões referentes ao contexto

<sup>18</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil.(1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2005.

<sup>19</sup> SINGER, Paul. “O feminino e o feminismo”, IN: SINGER, Paul e BRANT, Vinícius Caldeira (organizadores) São Paulo. *O povo em movimento*. Editora Vozes Ltda. Em co-edição com CEBRA, 1983.

vivido por seu protagonista, bem como os mecanismos de campo ao qual está inserido.

Compartilhamos da interpretação de Grynspan a respeito do assunto:

“Os estudos de trajetórias individuais podem ser de grande importância heurística, permitindo-nos refletir sobre processos sociais mais amplos, perceber aspectos não atentados por interpretações correntes ou até contribuir para sua relativização.”<sup>20</sup>

O trabalho acerca da representação política e a utilização do gênero como um recurso político legitimador é de grande validade e importância. Através dele poderemos evidenciar quais eram as especificidades na construção da imagem política de uma mulher proveniente da ARENA e como ela vai fazer uso de seus recursos político ao longo de sua campanha e de seus mandatos.

Levando-se em conta que o campo político responde a pressões internas e externas, através desse estudo também poderemos perceber as demandas da época e evidenciar quais eram os limites da participação encontrada dentro dos órgãos públicos de representação política dos quais Dercy Furtado participou: a Câmara de Vereadores de Porto Alegre e a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

Partindo dessas considerações o presente trabalho objetiva analisar a trajetória de Dercy Furtado para traçar os caminhos e os mecanismos da construção de sua imagem de defensora dos direitos das mulheres e de vereadora que vai galgando posições e adquirindo prestígio político, evidenciando quais eram os espaços e limitações da atuação feminina no meio parlamentar; descobrir quais eram as demandas femininas politicamente válidas da época, expressas nas suas campanhas e na sua atuação parlamentar e evidenciar a atuação dos movimentos femininos, e não feministas na busca e conquista de direito das mulheres

A partir das considerações feitas anteriormente, e após uma breve introdução ao tema, acreditamos que o presente trabalho deve responder a algumas questões sem as quais não será possível alcançar os objetivos acima propostos.

Perguntas acerca da trajetória de Dercy Furtado e da construção de sua imagem política devem ser propostas, bem como o seu posicionamento acerca do feminismo e os limites de sua luta. Assim, o presente trabalho tentará responder a quatro questões principais:

- 1) Como Dercy Furtado vai se utilizar de sua imagem de mulher como um recurso político?;
- 2) Quais vão ser os caminhos trilhados, os contatos e os espaços ocupados até sua chegada à vereança, e, posteriormente à Assembleia Legislativa?
- 3) Qual a relação que estabelece com os grupos feministas do Estado, quais as divergências e quais os pontos de vista em comum?
- 4)

---

<sup>20</sup> GRYNSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem, um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista brasileira de ciências sociais*, n.14, p.73-90, out. 1990. (pg88)

Até que ponto uma parlamentar proveniente dos setores conservadores da Igreja Católica e da ARENA-partido do governo militar- vai conseguir “cortar as amarras” das mulheres e lutar pela libertação das mesmas?

O maior problema que os historiadores podem encontrar na empreitada biográfica é imaginar que os sujeitos históricos obedecem a uma racionalidade limitada, seguindo uma tradição biográfica estabelecida na disciplina de história, satisfazendo-se com os “modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércias e decisões sem incertezas”<sup>21</sup>

Estes modelos concebem a biografia como a escrita coerente de uma vida, de um conjunto de acontecimentos de uma existência individual, guiados por um caminho unidirecional até o fim da estrada, o fim da história, que também é o fim, finalidade, objetivo. Segundo Bourdieu:

“Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção ,talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária nos deixou e não deixa de reforçar.”<sup>22</sup>

E contribuem para o que o autor chama de “ilusão biográfica”, isto é a história de um sujeito deslocado do espaço social, a construção ordenada de uma vida, dos caminhos trilhados, sem levar em conta os condicionantes externos, a própria sociedade que o cerca. Para Bourdieu o biógrafo é cúmplice dessa ilusão que trata a história de uma vida como “relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção.”

Para se construir uma trajetória é indispensável reconstruir o contexto, a “superfície social” na qual os indivíduos agem, a “estrada” pelo qual esse caminho é percorrido, por isso Pierre Bourdieu defende a noção de trajetória, evitando assim a ilusão biográfica. Ao contrário das concepções acerca da biografia, a trajetória carrega consigo a necessidade da compreensão do contexto, do espaço social ao qual os sujeitos estão submetidos. É importante perceber que esse próprio espaço não é definido como algo concreto e imutável, sendo passível de transformações.

Segundo Bourdieu, a trajetória é definida como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele

---

<sup>21</sup> LEVI, G. Usos da biografia. 1989. In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. (p.168)

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 1996.

próprio em devir e submetido a transformações incessantes.”<sup>23</sup> Para um bom estudo de trajetória se faz necessário pesquisar “os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.”<sup>24</sup>

Luiz Alberto Grijó também atenta para os usos da biografia, em trabalho intitulado *Biografia, para quê?* onde questiona o papel da biografia nos estudos históricos. Segundo o autor, a biografia deve servir como um instrumento para a compreensão da história e não como um fim em si.

“O que me parece ser o problema é que a biografia e a narrativa não podem ser o fim(telos) do trabalho historiográfico, podendo ser, por outro lado e legitimamente, seus instrumentos, até privilegiados, para que sejam atingidos os objetivos de produzir conhecimento histórico como parte do campo do saber, para usar a expressão de Bourdieu.”<sup>25</sup>

Partindo da concepção de que a biografia não é um fim em si e com o intuito de evitar a ilusão biográfica, o presente trabalho utilizará o conceito de trajetória, pois entende que as histórias dos homens não ocorrem de forma ordenada e planejada, simplesmente seguindo um caminho já traçado, sem dar conta de estudar as especificidades do percurso.

Para uma melhor compreensão do assunto e também como referencial teórico-metodológico a ser seguido, utilizaremos o trabalho de Grynszpan, que vai analisar, através da figura de Tenório Cavalcanti aspectos relativos à patronagem e as relações clientelistas. Segundo o autor, em *Os idiomas da patronagem, um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti*:

“O exame de trajetórias individuais nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, seus movimentos, seus recursos, as formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou as abandonam. Centrando nossa atenção em atores estamos, ao mesmo tempo, refletindo sobre padrões e mecanismos sociais mais amplos”<sup>26</sup>

Partindo das concepções desses autores a respeito do estudo de trajetórias podemos perceber que a trajetória não é um fim em si, serve, pois para ajudar a responder questões mais amplas sobre o objeto e o período estudado, que são evidenciadas através das atitudes,

---

<sup>23</sup> Idem, p. 190

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> GRIJÓ, Luiz Alberto. *Biografia, para quê?* In: CORADINI, Odaci Luiz. *Estudo de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. P. 94.

<sup>26</sup> GRYNSZPAN, Mário. *Os idiomas da patronagem, um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti*. *Revista brasileira de ciências sociais*, n.14, p.73-90, out. 1990.

limitações e características de seus protagonistas e dos meios em que estão inseridos.

Realizando um estudo de trajetória de Dercy Furtado, não estaremos apenas contando a sua vida de forma ordenada e coerente, e sim, procurando respostas mais amplas para questões relativas à participação feminina na política e a utilização do gênero como um recurso capaz de ser convertido em capital político.

Acerca da utilização do capital político, podemos utilizar também os escritos de Bourdieu<sup>27</sup>, que vão fazer uma análise do campo político e de seus mecanismos internos. Em “*O Poder Simbólico*” caracteriza capital político como “uma forma de capital simbólico, *crédito* firmado na crença e no reconhecimento ou, mais precisamente, nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles lhes reconhecem”<sup>28</sup>.

Na análise da reconversão de recursos sociais em recursos políticos, e no nosso caso, o gênero como recurso, se faz necessária a compreensão de que existem características que são mais aceitas do que outras no jogo político. Assim, não basta simplesmente a utilização desses recursos à reveria, deve-se ter em mente que eles respondem aos anseios e visões de mundo dos eleitores e podem ser adequados conforme o público e a necessidade.

Cabe ainda ressaltar o que Bourdieu chama de capital pessoal, como um recurso politicamente utilizável. O capital pessoal pode ser de notoriedade ou de popularidade e está firmado no fato de ser conhecido e reconhecido na pessoa. Neste caso é o agente que detém pessoalmente o capital, não precisando depender unicamente de instituições como o partido e o sindicato que poderiam lhe delegar um capital através de uma investidura.

Depreende-se daí que é importante ao político não só fazer uma boa utilização de seu capital pessoal a fim de angariar votos e conseguir a confiança, o crédito, a “fides” de seu eleitorado, mas também conseguir manter sua boa reputação ao longo do mandato, pois no jogo político o homem político é concebido como um homem de honra e deve evitar tudo aquilo que ameace a crença e a confiança de seus eleitores.

Para melhor compreender as questões citadas anteriormente as fontes utilizadas para a elaboração da trajetória de Dercy Furtado foram principalmente seus discursos presentes nos Anais da Câmara de Vereadores, de 1972 até 1974 e nos Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, de 1974 até 1986 e seus livros *Opinião*<sup>29</sup>, *Cortando as*

---

<sup>27</sup> Especialmente BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ª ed.-Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

<sup>28</sup> Idem, p. 187

<sup>29</sup> FURTADO, Dercy. *Opinião*. Porto Alegre: Editora da FEPLAM, 1974

*Amarras*<sup>30</sup> e *Orações que mamãe me ensinou*<sup>31</sup>. Também foram utilizadas uma entrevista concedida à Memória Parlamentar, intitulada *Dercy Furtado: A luta pela libertação da mulher*<sup>32</sup>, além da reportagem *Dercy Furtado, nos tempos de amor perfeito*<sup>33</sup> concedida ao Clic RBS em 20 de setembro de 2008.

O trabalho divide-se em três capítulos que objetivam melhor compreender, a forma de inserção e atuação de Dercy Furtado na esfera política do Estado. O primeiro capítulo analisa as principais características utilizadas por Furtado para construir sua imagem política de defensora dos direitos femininos, a sua concepção sobre o que seria a promoção da mulher, bem como a relação que estabeleceu com as feministas.

O segundo vai tratar dos espaços em que esteve inserida anteriormente à ocupação dos cargos públicos, especialmente de sua inserção nos movimentos da Igreja Católica, sua principal base de apoio, e também dos valores que defendia e explicitava.

Por fim, o terceiro capítulo aborda desde a relação que estabeleceu com a ARENA/PDS, ocupando cargos, tecendo críticas e elogios, e a sua mudança para o PDT em 1985 quando também muda o enfoque de sua atuação política, enfraquecendo sua antiga bandeira de lutas, afastando-se de sua base de apoio e não conseguindo mais se reeleger.

---

<sup>30</sup> FURTADO, Dercy. *“Cortando as amarras”- depoimento*. Porto Alegre: Editora Thesaurus, 1977.

<sup>31</sup> FURTADO, Dercy. *Orações que mamãe me ensinou*. 5ª edição. Porto Alegre: Editora da FEPLAM, 1984.

<sup>32</sup> “Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher.” Entrevista concedida à Memória do Parlamento em 28/03/2008.

<sup>33</sup> Entrevista clic RBS

## **1. As muitas faces do conservadorismo: A trajetória de Dercy Furtado.**

Dentre tantas atividades das quais Dercy Furtado participou na esfera pública a que lhe proporcionou mais destaque e reconhecimento foi, sem dúvida, a sua atuação na Câmara de Vereadores de Porto Alegre e na Assembleia Legislativa como deputada estadual. Defensora da bandeira da “promoção da mulher” e auto-intitulada a representante da “mãe, da trabalhadora, da dona de casa gaúcha” teve seu mandato voltado em grande parte para a discussão de questões relativas às mulheres.

Suas ideias se apresentaram como novidade no panorama político institucional gaúcho na medida em que pela primeira vez houve na Câmara de Vereadores e na Assembleia Legislativa uma parlamentar que se auto-declarava representante e defensora das mulheres.

É importante ressaltar que a maior inserção feminina na política vista até então na história do país se deu exatamente na Ditadura Militar, período em que a participação política se viu grandemente diminuída pela extinção das antigas legendas partidárias e pela criação do bipartidarismo, pelo voto indireto e também pela nomeação de interventores para as capitais dos estados, sem falar no clima de medo gerado pelos expurgos, cassações, prisões, sequestros, torturas e na descrença e desestímulo a qualquer atuação política num estado ditatorial.

Só no Rio Grande do Sul a participação feminina na Assembleia Legislativa iniciada com Suely de Oliveira em 1951, aumentou de 1 para 6, se considerarmos os 21 longos anos do Regime Militar. O aumento da participação feminina neste período pode ser explicado não apenas como um processo de emancipação da mulher advindo do Estado de Bem Estar Social e nem da necessidade de mão de obra num mundo de consumo que cada vez “precisava” produzir mais. No caso do Brasil o aumento de mulheres atuando nos cargos públicos eletivos pode ser explicado pelo grande número de cassações efetuadas pelo Regime Militar e pela consequente “substituição” do político cassado por alguma mulher de sua família como forma de protesto. Este fenômeno é exemplificado por Fany Tabak e Moema Toscano que analisam o caso do Congresso Nacional:

“As eleições de 1965-66, as primeiras que se realizaram após o Movimento de 64, foram marcadas por um fato curioso e digno de registro: inúmeras mulheres foram apresentadas como candidatas a cargos eletivos, em substituição a seus parentes (maridos, irmãos, pais) cujos mandatos haviam sido cassados pelo Ato Institucional nº 1 ou por outros atos de força que se seguiram a este. Era uma forma de confirmar o prestígio de parlamentares que, afastados do Congresso pela violência, a ele voltariam, indiretamente, na medida em que ainda conservavam o prestígio político que lhes assegurara a eleição. Foi nessa época que a representação feminina atingiu

seu ponto mais alto na Câmara Federal , passando de duas candidatas(dentre nove candidatas) das eleições anteriores, para seis deputadas (dentre treze candidatas). Algum tempo depois, em 1969, essas parlamentares seriam, por sua vez, cassadas , baixando a representação feminina no plano federal para apenas duas deputadas,como anteriormente.”<sup>34</sup>

Das seis deputadas estaduais que assumiram mandatos, uma se encaixa exatamente no exemplo citado acima. É o caso de Terezinha Chaise Irigaray, casada à época com o então prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise, do PTB. Quando da cassação de seu marido, foi eleita em 1967 com grande votação num movimento de protesto contrário à retirada do prefeito. Em 1969 teve seu mandato igualmente cassado. Outro fator importante de se perceber é o grande número de suplentes que assumiram mandatos pelo menos por algum tempo, provavelmente em função da “dança de cadeiras” partidárias decorrentes das cassações de deputados. Neste período o Rio Grande do Sul contou com a participação de três suplentes: Iris Potthoff em 1964, Zaira Folly em 1966 e Dalila Alves em 1974 e 1975.

Apesar da maior participação feminina neste período evidenciada anteriormente nota-se que as seis<sup>35</sup> deputadas que assumiram seus mandatos anterior ou concomitantemente à Dercy Furtado, mesmo sendo mulheres não necessariamente adotaram e defenderam uma postura de defesa de questões específicas de gênero, direcionando sua atuação política para outras áreas.

Como exemplo, podemos citar a primeira deputada gaúcha, Suely de Oliveira, que esteve presente na Assembleia Legislativa de 1951 a 1975, pelo PTB e, posteriormente, pelo MDB. Reconhecida pela autoria do primeiro Estatuto do Magistério Público Estadual (1954) e pela defesa do funcionalismo público, especialmente pela Lei n.º 4.585/63, que ficou sendo conhecida como Lei Suely, que firmava um aumento salarial aos funcionários públicos pelo seu tempo de serviço. Mesmo que voltando seu mandato para o magistério, classe profissional composta, à época, predominantemente por mulheres, não construiu sua imagem de defensora dos direitos das mulheres, sendo sua atuação junto às professoras decorrência de seu trabalho em torno do funcionalismo público, este sim , seu maior interesse e base de apoio.

Terezinha Chaise Irigaray, a segunda deputada estadual igualmente não voltou seu mandato à defesa de interesses femininos, talvez pelo curto tempo em que esteve na casa devido à sua cassação citada anteriormente. O mesmo pode-se dizer das deputadas que assumiram como suplentes, pelo curto espaço de tempo em que atuaram não puderam desenvolver projetos e nem se posicionar de maneira mais eficaz.

Ecléa Fernandes Guazzelli, eleita pelo MDB em 1983, mulher do ex-governador do

---

<sup>34</sup> TABAK, Fanny. E TOSCANO, Moema. *Mulher e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. P.25

<sup>35</sup> 1964: Iris Potthoff – suplente 1966: Zaira Folly – suplente 1974-1975: Dalila Alves -suplente

Estado Synval Guazzelli, assim como Suely de Oliveira teve o seu mandato mais aproximado com as problemáticas femininas, atuando na defesa do menor abandonado e do magistério estadual. Entretanto, diferentemente de Dercy Furtado, as duas deputadas não se ativeram a outras questões relativas especificamente às mulheres e principalmente não se colocaram como defensoras e representantes das gaúchas, suas atuações em prol destas não se constituíam bandeiras de luta, e nem o objetivo principal de seus mandatos, eram sim atuações que, entre tantas outras, atingiam positivamente os setores femininos.

Dercy Furtado, ocupando esses espaços, como porta-voz da mulher gaúcha, da mãe, da dona de casa poderia trazer para a esfera política as demandas específicas e politicamente válidas desses grupos e defender, a partir de um outro ponto de vista, o de mulher parlamentar que luta por direitos e interesses das mulheres comuns, os interesses de aproximadamente metade da população porto alegre e gaúcha. É importante ressaltar que, apesar de que não necessariamente todas as mulheres votavam em mulheres, essa bandeira, a da promoção da mulher, uma vez que levantada pela primeira vez, tinha grande potencial mobilizador e agregador, capaz de ser revertido em votos e também em legitimidade aos seus mandatos.

Ainda mais se considerarmos estima-se que na década de 70 as mulheres representavam 18,5% da População Economicamente Ativa<sup>36</sup>, que potencialmente buscavam espaços e posições e que necessitavam de algum tipo de representação nas esferas políticas que fosse capaz de assegurar as vitórias já conquistadas e se empenhar em atender as demandas dessas mulheres que começavam, pouco a pouco, a sair de suas casas, frequentando universidades, buscando capacitação e espaço no mercado de trabalho.

Através de sua postura auto-declarada de defensora das mulheres e também da afirmação de que a participação feminina na sociedade e na política era necessária, uma vez que a mulher era diferente do homem e possuía “boas” características intrínsecas (a sensibilidade, a pacificidade e a maternidade) Dercy Furtado foi, pouco a pouco, construindo sua imagem de representante da mulher gaúcha e conseguindo, cada vez mais, se legitimar nos cargos parlamentares.

Em seus discursos tanto nas esferas representativas de tomada de decisões, como a Câmara dos Vereadores e a Assembleia Legislativa, quanto na sua coluna Opinião no jornal *Zero Hora* e em seus programas de rádio sempre defendeu a participação e os direitos das mulheres. Sobre sua inserção nos meios midiáticos afirmou que “eu tinha três programas semanais, a convite do Maurício Sirotsky. E também participava de muitos programas, como

---

<sup>36</sup> MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1982)*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

o da Tânia Carvalho, uma pessoa maravilhosa. Então eu tinha bastante espaço. Eu era muito respeitada.”<sup>37</sup>

Segundo ela, foi através de suas “andanças” por diversos cargos e funções que teve a possibilidade de examinar aspectos essenciais para a compreensão do preconceito contra a mulher e as causas que impediam a sua promoção. Através da constatação da existência de quatro causas fundamentais que impediam a promoção da mulher- a cultura brasileira, a deformação do cristianismo ao longo do tempo, o casamento e a dependência econômica da mulher - percebeu que era preciso que se corrigissem essas falhas, essas deformações a fim de que a mulher brasileira pudesse “cortar as amarras”, se libertar, sem que, entretanto, colocasse as instituições do casamento e da família em risco.

### **1.1 “A voz da mulher”**

Percorrendo os seus discursos, podemos perceber que a deputada utilizou diversas “assinaturas” e fez discursos se colocando como a representante das demandas e problemáticas das mulheres gaúchas. Sendo a primeira vereadora da capital e única parlamentar do sexo feminino na Assembleia no período, sua legitimação nas esferas de tomada de decisão estava garantida explicitar a defesa de questões muito particulares à melhoria das condições de vida das gaúchas.

Denominando-se “como dona de casa, como mãe e como mulher que está representando uma grande parcela da comunidade gaúcha”<sup>38</sup> e como “a alma escancarada da mulher gaúcha, da mulher brasileira, cheia de amor, pelo povo e pela terra”, afirmou ser a “aluna de todas as mulheres” e, como representante de seus direitos, tinha a obrigação de falar e de defender causas específicas de gênero porque “seria até omissão se não desse a palavra nesse sentido. E elas me cobram- saibam os Srs. Deputados-cobram-me pelo telefone, através de cartas.”<sup>39</sup>

Podemos perceber que mais de um terço de seus pronunciamentos estavam voltados a questões puramente femininas, como a criação de creches para a mãe trabalhadora, a aposentadoria da dona-de-casa, a defesa da empregada doméstica, o planejamento familiar, a necessidade da inserção feminina na sociedade, especialmente no ensino superior, no mercado de trabalho, na política e também na Igreja. Temas contrários aos ideais da deputada como o

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida à Memória do Parlamento Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher . Agência de Notícias 28/03/2008 In: [www.al.rs.gov](http://www.al.rs.gov).

<sup>38</sup> Anais da Assembleia Legislativa 19/8/1975

<sup>39</sup> Idem 6/5/1980

divórcio, o aborto, a pornografia e a prostituição também eram tratados por ela, marcando posição.

Para além desses assuntos, aqui definidos como puramente femininos ou específicos de mulheres, também fez pronunciamentos sobre assuntos que, na época, eram subsidiariamente de seus interesses, como a crítica ao elevado custo de vida, a favor de escolas rurais e em defesa do consumidor. Afora esses assuntos, manifestou-se a respeito das comissões parlamentares em que participou, sobre a defesa do meio ambiente e sobre os rumos políticos e econômicos do estado e do país, etc.

Tanto em seus pronunciamentos, quanto em seus livros e entrevistas concedidas posteriormente, Furtado sempre levantou a bandeira da promoção da mulher e se colocou como a parlamentar que seria responsável por trabalhar arduamente nessas questões. A defesa desses interesses era colocada por ela, sempre muito católica, quase como sua missão na terra, como sua luta contínua e um tesouro seu:

“São Paulo dizia que 'o nosso coração está onde está o nosso tesouro'. De todos os ensinamentos de São Paulo, acredito ser este um dos mais verdadeiros. O nosso coração está onde está o nosso tesouro. E talvez por isso, onde eu esteja, em Brasília ou em Porto Alegre, em Cidreira ou em Morungava, seja onde for, o meu pensamento está voltado para a promoção da mulher, para lutar cada vez mais por uma justiça maior em termos do trabalho da mulher; enfim, de toda a sua participação da vida pública ou seja onde for.”<sup>40</sup>

Nessa mesma linha, em pronunciamento na Assembleia Legislativa em 30 de dezembro de 1976, fazendo um balanço sobre o seu mandato no ano que findava e reafirmando para o ano seguinte o seu compromisso com suas representadas, mais uma vez a parlamentar disse ser a sua luta a defesa dos interesses femininos:

“Mas, para encerrar, gostaria de dizer que, para o ano que vem, continuaremos lutando e lutando cada vez mais pela mulher, pelos direitos da mulher, para que ela tenha mais trabalho, para que frequente mais os parlamentos, que esteja realmente inserida na política, não em posição subalterna, mas atuando de frente, no campo de batalha inclusive da política, que esteja presente dentro das religiões, dentro das fábricas, dentro dos escritórios, presente como mulher para levar toda a espiritualidade, toda a maternidade, todo o amor que ela tenha dentro de si, que esteja dentro do lar, como mãe, como esposa e nós continuaremos lutando.”<sup>41</sup>

Para além de sua auto-promoção como “mulher que defende os direitos da mulher”<sup>42</sup>, Dercy Furtado era igualmente reconhecida por essa função- a de representar as mulheres gaúchas - por seus pares dentro da Assembleia Legislativa. Voltando do tratamento de um câncer, teve sua atuação e seu trabalho lisonjeados pelo deputado Rubi Diehl e pela bancada

---

<sup>40</sup> Anais da Assembleia Legislativa março de 1975

<sup>41</sup> Idem 30/12/1975

<sup>42</sup> Idem 30/6/1983

da ARENA:

“Nobre Deputada. Antes de mais nada, desejo registrar, em nome da Bancada que Vossa Excelência integra a nossa alegria em vê-la de volta nesta Casa, atuando com o brilho que a caracteriza e que todo o Rio Grande já conhece, com votos de que esteja totalmente restabelecida, porque a Assembleia Legislativa e, particularmente a Bancada da ARENA, não pode prescindir de sua colaboração, de sua inteligência e participação nesses desafios que são impostos ao homem público e à mulher que Vossa Exa tão galhardamente representa nesta Casa.”<sup>43</sup>

Além de firmar e ser reconhecida por seu compromisso com a defesa dos interesses femininos, muitas vezes, esta defesa feita por Dercy Furtado acabava ganhando uma importância maior do que a defesa do seu próprio partido, a ARENA. Partindo do princípio de que a defesa dos interesses femininos estava acima de siglas e partidos, que as mulheres eram injustiçadas em toda a sociedade e que esta discriminação independia de qual bancada os deputados se situassem, muitas vezes a parlamentar chamou a atenção não só de seus opositores, mas também de seus colegas de partido. Através de um discurso de que os partidos são transitórios e as bandeiras de luta não, a deputada conclama as mulheres não a se filiarem a um ou a outro partido, mas sim a não se acovardarem e se engajarem na defesa dos interesses femininos.

“Porque os partidos morrem. Daqui dez ou quinze anos os Srs. não mais ouvirão falar em MDB ou ARENA, mas os nossos filhos lembrarão se fui uma pusilânime na minha Bancada, se eu lutei pela mulher que sofria na fábrica, se eu lutei pela mulher que não tinha dinheiro para comprar no supermercado, se eu lutei porque uma Borregard fedia no nosso nariz. Por isso nós seremos lembrados. Não porque usava um telefone, não porque tinha medo e me acovardava como rato, com medo de lutar. A mulher deverá ir à política, mas ter coragem para ser franca, para ser real.”<sup>44</sup>

Apesar de afirmar que sua relação na Assembleia Legislativa com os seus colegas deputados era bastante respeitosa<sup>45</sup> e que sim, tinha espaço para falar de assuntos que lhe eram importantes, também afirmou que a participação feminina não era vista com bons olhos por algumas pessoas e que não constituía tarefa fácil, tendo as mulheres muitas vezes que lidar com piadas ou comentários maldosos no seu ambiente de trabalho.

Sobre essa dificuldade, afirma “que participar, hoje, para a mulher, não é fácil, é muito duro. A todo o momento estamos ouvindo piadas, sendo rechaçadas, em toda parte recebemos

---

<sup>43</sup> Idem 28/6/1979

<sup>44</sup> Idem 8/3/1976

<sup>45</sup>“E na Assembleia eu posso te confessar que nunca fui desrespeitada. Eu tinha 43 anos, era muito jovem. Eu acho jovem. E nunca fui desrespeitada. Ao contrario, eles riam. Quando eu entrava, eles diziam 'parem com as anedotas porque a Dercy está entrando'. Depende muito da mulher a questão do respeito. Ela tem que se fazer respeitar.” Entrevista concedida à Memória do Parlamento Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher . Agência de Notícias 28/03/2008 In: [www.al.rs.gov](http://www.al.rs.gov).

dichotes, contrariedades.”<sup>46</sup> Segundo a parlamentar as piadas e o uso da malícia eram formas inteligentes de derrotar a mulher, de derrubá-la, de constrangê-la e de levá-la de volta à reclusão do lar, onde não tinha espaço para participação.

Entretanto, a atuação feminina na sociedade e especialmente nos cargos de tomada de decisão não poderia ser prejudicada por comentários jocosos e nem pelas pressões masculinas. A presença da mulher nessas esferas se fazia imprescindível, uma vez que, segundo Furtado, a mulher era diferente do homem e tinha muito a contribuir para o mundo.

## 1.2 A diferença feminina

Partindo da concepção de que existiam diferenças importantes não apenas nos modos de ser e agir de homens e mulheres, mas também nas formas como eles conduziam a política e os postos de comando, Dercy Furtado incentivou a participação das mulheres na ocupação de cargos públicos por acreditar que estas possuíam qualidades necessárias à boa condução da política e do futuro da humanidade.

A partir da percepção de que a situação do mundo não ia bem e que a maioria dos cargos de importância eram ocupados por homens, com os seus sentimentos e valores, Dercy Furtado conclamava as mulheres a participarem, não apenas porque esta emancipação era importante numa sociedade dita igualitária, mas, sobretudo, porque as mulheres possuíam algo que os homens não tinham, ou não assumiam em seus mandatos: os bons valores do amor, da pacificidade, do desvelo e da maternidade.

Essas qualidades eram consideradas indispensáveis para um melhor encaminhamento das questões políticas, uma vez que nos ambientes de tomadas de decisões, muitas vezes os parlamentares perdiam a cabeça, necessitando assim de alguém que não só apaziguasse os ânimos, mas que também fosse responsável pela manutenção da paz e da razão. Em um apelo à participação feminina, denuncia o monopólio masculino em todas as esferas ditas importantes da sociedade, criticando o trabalho dos homens e responsabilizando-os pela situação ruim em que o mundo se encontrava:

“Se passarmos uma vista de olhos pelo mundo vamos notar que não vai bem. Nem preciso vir a esta Tribuna para dizer o que é óbvio. Basta comprarmos os jornais, as revistas, a última 'Fatos e Fotos', a 'Manchete', nos mostram cenas trágicas do que está ocorrendo no mundo de hoje, cenas dantescas; é a morte, a injustiça, a fome e a miséria.

O que podemos concluir daí? Se por outro lado deparamos com esse quadro desolador, vamos deparar também com outro fato: quem está dirigindo o mundo? Quem está à cabeça dos grandes negócios? Quem está nos parlamentos? Quem está

---

<sup>46</sup> Anais da Assembleia Legislativa 8/3/1976

nos exércitos, na Igreja, no Executivo? Em toda a parte, quem assumiu o comando do mundo? Foi o homem, o homem e sempre o homem! E o mundo não vai bem, conclusão a que nós chegamos. Nós precisamos com urgência da participação da mulher.”<sup>47</sup>

Mas não bastava que a mulher participasse simplesmente, ela deveria levar consigo as boas qualidades femininas citadas anteriormente. Não poderia se despersonalizar e assumir uma postura masculina que a nada conduziria. A ocupação dos altos postos de comando deveria trazer modificações não apenas no gênero de quem comanda, mas especialmente na forma com que se comanda. Em pronunciamento na Assembleia Legislativa, Dercy Furtado deixa claro que a participação feminina não adiantaria se as mulheres não levassem consigo os valores femininos considerados por ela benéficos à sociedade:

“Tenho pedido muito a Deus para que não me deixe fraquejar. Jamais a vaidade deve subir à nossa cabeça; jamais pediria para que a mulher participe, se não fosse para levar toda a maternidade, todo amor, todo carinho que ela tem dentro de si. E como disse no início, mais uma vez peço: vamos participar, mas para levar ao mundo os valores que estão faltando, valores diante dos quais os homens muitas vezes se acovardam: o valor do amor, da fidelidade, num mundo em que o homem tem, às vezes, vergonha de dizer que é fiel à sua esposa, num mundo onde o jovem tem vergonha de dizer que não é farrista, num mundo onde a covardia parece que vence aquele que é corajoso, no mundo onde há guerra, há vícios, há morte, racismo. Este mundo está pedindo a participação da mulher.”<sup>48</sup>

Percebe-se, através das falas e das tomadas de posição da parlamentar que a questão da participação feminina está fundada muito mais na necessidade, na positividade da diferença entre mulheres e homens, do que na igualdade jurídica que afirmava a igualdade de direitos e deveres entre os dois sexos e possibilitava que tanto homens quanto mulheres concorressem aos cargos eletivos. Não que o aspecto da igualdade não apareça, mas a principal justificativa para a inserção feminina na vida pública parece ser esta que está mais ligada aos valores e aos sentimentos atribuídos historicamente às mulheres e que vinham sendo combatidos pelas feministas no período.

A participação pela diferença não bastava, entretanto. Só o fato de dispor de qualidades que o homem não possuía não era suficiente, era preciso que a mulher se promovesse e se atualizasse para que conseguisse cumprir bem as suas tarefas juntamente com os homens. Vale frisar que apesar da parlamentar criar seu discurso a partir de diferenças quase intrínsecas aos homens e mulheres, acreditava que essas características não eram excludentes e sim complementares. A participação feminina não viria, de maneira alguma, excluir a masculina, pelo contrário, viria complementá-la.

---

<sup>47</sup> Anais da Assembleia Legislativa-abril de 1975

<sup>48</sup> Idem, 8/3/1976

### 1.3 A promoção da mulher

Em todo seu trabalho junto à Igreja Católica, no Centro de Promoção da Mulher, ou mesmo nos poderes públicos, Dercy Furtado levantou a defesa da emancipação feminina. Com seu caráter bastante religioso, criou, inclusive, uma prece a Deus, sintetizando um pouco de sua visão sobre a promoção das mulheres e pedindo que este ajudasse as mesmas.

Era necessário que a mulher se promovesse, isto é, “passasse a uma etapa superior” dentro da sociedade e “cortasse as amarras” da sua submissão, entendendo e modificando as causas que impediam a sua promoção. Segundo a deputada a cultura brasileira, a deformação do cristianismo ao longo do tempo, o casamento e a dependência econômica da mulher apresentavam-se como principais causas para que a mulher se tornasse dependente do marido e da família e não se transformasse em sujeito de sua própria história.

Para Furtado, o maior impedimento para a emancipação feminina residia na falta de autonomia financeira das mulheres, uma vez que dependentes do dinheiro dos esposos se sentiam incapacitadas de tomar decisões a respeito da economia doméstica e dos rumos do lar e muitas vezes eram obrigadas a agir de forma contrária à suas vontades. Não apenas as mulheres se colocavam numa postura de submissão ao homem, ao provedor, mas também as próprias relações familiares e a felicidade conjugal se viam ameaçadas pela dependência econômica feminina.

“Como pode uma mulher à noite, recusar um relacionamento conjugal, se na manhã seguinte tem que pedir ao marido dinheiro para comprar seu vestido? Como pode ser sadio um relacionamento conjugal de uma esposa, quando, à tarde, o marido teve com ela uma briga porque gastava muito?”<sup>49</sup>

Apesar da afirmação de que a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua independência econômica seriam frutíferas não apenas para o amadurecimento e crescimento feminino, mas também do casal, constatou que muitas mulheres que começaram a trabalhar profissionalmente foram criticadas.

“Por quê? Porque quem se liberta economicamente, culturalmente não depende mais do outro, pode pensar pela sua própria cabeça, pode dizer à noite para o seu marido 'quero ter uma relação sexual ou não quero, estou disposta ou não disposta’”.<sup>50</sup>

Podemos perceber através de suas falas que era favorável e grande entusiasta da

---

<sup>49</sup> FURTADO, Dercy. Opinião. Porto Alegre: Editora da FEPLAM, 1974. p. 37

<sup>50</sup> Idem.

participação da mulher no mercado de trabalho, no meio acadêmico, político e religioso. Entretanto este estímulo à participação na esfera pública, não poderia vir acompanhado das perdas das boas qualidades femininas e valores historicamente já estabelecidos.

“Porque quando lutei pelos direitos da mulher é óbvio que eu lutei para ela ir à sociedade, ao mundo, não para se despersonalizar. A liberdade não é libertinagem. A mulher tem que levar toda a sua capacidade feminina de amor e de carinho, mas dentro de uma linha de comportamento.”<sup>51</sup>

Outro aspecto do estímulo da promoção da mulher defendido por Dercy Furtado era o seu caráter de “complementaridade” com relação ao homem. Para ela o protagonismo das mulheres não deveria ferir a já constituída predominância masculina. Homens e mulheres deviam andar lado a lado, de mãos dadas para o progresso e o bem comum da sociedade brasileira.

Seguindo esta lógica os homens maduros e seguros de si mesmos, sem a cabeça fechada, deviam tomar parte na promoção de suas esposas e filhas assim como auxiliavam na promoção de seus filhos homens. Fazia parte dessa ajuda incentivar as mulheres da casa aos estudos e, caso quisessem, à participação no mercado de trabalho.

Essa participação do homem na melhoria de condições da mulher se fazia necessária, uma vez que, para Furtado, o casamento nos moldes antigos ajudou à discriminação da mulher e à sua reclusão no lar, cumprindo tarefas somente de mãe, de esposa e de doméstica. Entretanto, sempre frisava que o casamento por si só não impedia a promoção da mulher, o casamento moderno, pelo contrário, poderia ajudá-la.

“Por que eu disse que o casamento foi e pode ser uma das formas de dificultar a promoção da mulher no Brasil? Lógico que não precisaria ser. Eu não estaria aqui, e tenho convicção plena disso, se não fosse meu marido.”<sup>52</sup>

Como exemplo de homem moderno, capaz de auxiliar a esposa em sua formação e valorização, citou muitas vezes o seu marido, Jorge Alberto Jacobus Furtado, que a ajudou na sua promoção e sem o qual não teria ocupado as posições que ocupou, nem teria dado voz à mulher gaúcha.

“Eu casei com um homem que não me procurou para ser cozinheira da família, nem dona-de-casa. Eu tive seis filhos: o Cláudio, o Sérgio, a Nina Rosa, a Maria da Graça, o Jorge e a Thaís Helena. Mesmo assim meu marido me incentivava a estudar, a ler, a trabalhar. Ele me incentivava muito, porque ele casou não para ter uma cozinheira ou uma lavadeira em casa, ele queria uma pessoa inteligente, que

---

<sup>51</sup> Entrevista concedida à Memória do Parlamento Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher . Agência de Notícias 28/03/2008 In: [www.al.rs.gov](http://www.al.rs.gov).

<sup>52</sup> FURTADO, Dercy. “Cortando as amarras”- depoimento. Porto Alegre: Editora Thesaurus, 1977. p.35

estivesse ao lado dele.”<sup>53</sup>

Efetivamente, é a partir do casamento que Dercy Furtado inicia sua caminhada de mulher pública. Foi juntamente com o marido que ingressou em diversos movimentos comunitários e presidiu o Movimento Familiar Cristão, onde promoveram centenas de palestras, não só em Porto Alegre, mas em todo o país. Nesses lugares (paróquias, colégios, Lions, Rotary) pôde lutar em defesa do que supunha ser uma família mais feliz e moderna. Também foi através de sua atuação nesses movimentos que ganhou notoriedade e reconhecimento, especialmente quando presidiu junto à CNBB o Centro de Promoção da Doméstica, principal alavanca para sua candidatura à vereança.

De fato, o seu marido teve grande importância na sua própria promoção, seja pelo fato de incentivá-la aos estudos e à participação na sociedade, seja pela sua influência política junto ao Governo Militar, quando, entre os anos 1974 e 1979 assumiu o cargo de secretário geral do Ministério do Trabalho e foi ministro interino de Arnaldo Prieto.

Entretanto, apesar de vista com bons olhos, a grande influência de Jorge Furtado em sua carreira era algo que preocupava a parlamentar. Em discurso proferido na Assembleia Legislativa em defesa da autonomia de seus posicionamentos, no dia 8 de março de 1975, Dercy Furtado afirmava que tudo o que defendia na Tribuna era de sua inteira autoria e pedia aos demais colegas que isentassem o seu marido de qualquer responsabilidade. “Portanto, tudo o que eu expressar nesta Tribuna, será pensamento meu- não que não dialoguemos (eu e meu marido), a conta do telefone atesta o que estou dizendo-mas o que falei foi porque com ele aprendi a pensar”<sup>54</sup>

Com frases sempre repetidas a respeito da promoção feminina como “Deus disse que não é bom ao homem estar só”<sup>55</sup> e “o homem inteligente e maduro não quer só uma parceira bonita, mas culta e inteligente”<sup>56</sup> acabou demonstrando o grau de conservadorismo dessa promoção pela qual lutava. As duas afirmações anteriores evidenciam que a promoção feminina deve estar subordinada à felicidade masculina. A promoção da mulher devia ser conquistada com a ajuda e o incentivo dos homens e devia ser positiva para ambos os sexos, não colocando em risco a felicidade conjugal e nem os bons valores intrínsecos às mulheres.

Como exemplo da promoção defendida pela parlamentar, podemos citar duas orações de sua autoria, proferidas na instalação da Comissão Parlamentar Especial que estudou a situação da mulher no Rio Grande do Sul, em 18 de agosto de 1977:

---

<sup>53</sup> Idem. p.21

<sup>54</sup> Anais da Assembleia Legislativa 8/3/1975

<sup>55</sup> FURTADO, Dercy. “*Cortando as amarras*”- *depoimento*. Porto Alegre: Editora Thesaurus, 1977. p.9

<sup>56</sup> Idem

#### “QUE A NOSSA PROMOÇÃO ESTEJA IMPREGNADA DE CARIDADE

Vamos ao mundo para humanizar, afinal 'não é bom que o homem viva só'. Ele necessita de nós.

Vamos chegando de mansinho, **suavemente**<sup>57</sup>, sem agredir e, quando ele, cansado, perdido, nos estender a mão, possamos dizer: estou aqui, preparada, companheira competente e atualizada, mais amiga que escrava ou rainha. Estou aqui ao teu lado e neste encontro, de igual para igual, o amor vai crescer e transbordar.

Então já não haverá um amo e senhor. Um dono do dinheiro e da verdade. Um conquistador, mas um amigo que, de mãos dadas com sua companheira, exercendo os mesmos direitos e deveres, construirá com ela, um mundo mais harmônico, pleno de paz e juntos dobrarão os joelhos para amar e agradecer ao Ser Supremo, que não tem sexo, pois os livros já foram rasgados, as amarras cortadas e tudo flutuará e transparece e é eterno, pois a promoção procurada se completou.

Deus queira que assim seja, é o meu desejo, é a minha luta, é a minha prece.”<sup>58</sup>

#### “MINHA PRECE

Que as fontes de luz, de amor e de graça, armazenadas por milênios no coração da mulher, transbordem e encharquem de paz a dolorida face da humanidade.

Que a nossa sede de justiça e de igualdade, não nos perturbe a ponto de esquecermos que somos mulheres, mães e esposas.

Que a mulher escancare as portas de sua casa para deixar entrar a luz da cultura que liberta e corta as amarras.

Que em breve tempo a mulher brasileira seja dona de seu ventre, gerando filhos por amor e deixando de tê-los por amor.

Que o homem brasileiro já não se contente, apenas, com o corpo de sua companheira; busque, cada vez mais, descobrir seu espírito e sua inteligência.

Que a mulher tenha coragem de exigir do homem a mesma moral que dela exigiram ao longo dos anos.

Que nenhuma mulher adormeça tranquila enquanto suas irmãs forem exploradas por salários desiguais e injustos.

Estejamos alertas, para que o materialismo, o hedonismo e o ateísmo, pragas da nossa época, não nos contaminem.

Livrai-nos, ó Deus, de uma promoção falsa e vazia, que a nada conduz.

E, finalmente, conclamo e rogo: vamos participar para espiritualizar, pois de nada adiantaria crescer no Ter sem chegar a Ser. Queremos justiça, porque a injustiça cega e nos impede de ver Deus. Queremos liberdade, porque, prisioneiras, tornamo-nos adolescentes revoltadas e seres limitados.

Dai-nos força para continuarmos nossa luta de promoção e que esta promoção não termine apenas no ter mais dinheiro, mais cultura, mais saúde, mais alimento. Que estes bens materiais, certamente tão necessários, sirvam para facilitar nosso encontro com Aquele que é o fim e o início de todas as coisas.”<sup>59</sup>

Nota-se, através dessas orações, alguns elementos considerados fundamentais pela parlamentar para a promoção feminina, como a subordinação e complementaridade da promoção feminina à felicidade masculina, a intensidade com que esta promoção seria buscada, a necessidade da “atualização” e “preparo” da mulher para a ocupação de cargos e espaços, a manutenção dos bons sentimentos femininos, a permanência dos papéis de esposa e

<sup>57</sup> Grifos da autora, Dercy Furtado

<sup>58</sup> FURTADO, Dercy. Opinião. Porto Alegre: Editora da FEPLAM, 1974

<sup>59</sup> FURTADO, Dercy. “Cortando as amarras” -depoimento. Porto Alegre: Editora Thesaurus, 1977

mãe e, principalmente, a grande carga religiosa que elas carregam.

Para a deputada a libertação da mulher só poderia ocorrer através da ocupação por ela dos cargos que anteriormente eram ocupados predominantemente pelos homens. Entretanto, para que esse espaço fosse de fato preenchido se fazia necessária a atualização e a capacitação feminina num mundo de competição por melhores vagas e postos de trabalho.

“Portanto, ela não pense que vai agora galgar postos de direção, assumir comandos, simplesmente porque tem uma bela carinha ou um corpo muito bonito. Hoje, para participar, todos nós temos que nos capacitar.”<sup>60</sup>

Entretanto, apesar desse caráter conservador da libertação feminina, que não retirava da mulher a necessidade de exercer os papéis de mãe, esposa e trabalhadora e que praticamente reduzia a promoção da mulher à possibilidade de estudar e trabalhar, ajudando assim na renda familiar em um mundo de consumo onde “a necessidade”, muitas vezes obrigava o ingresso feminino no mundo do trabalho, havia pessoas que viam com maus olhos a promoção defendida pela vereadora e deputada. Segundo a parlamentar, durante sua atuação política sofreu muitas críticas de pessoas, especialmente do sexo masculino, que não se conformavam com as ideias “liberais” defendidas por ela.

“Muitas mulheres foram estudar e os maridos ligavam para a minha casa, bem brabos alguns. ‘O que tu fizeste com a minha mulher? Ela agora não me obedece mais’. Eu dizia ‘olha agora ela está sendo gente, como tu. E não é bom ter uma companheira á altura?’”<sup>61</sup>

Apesar das manifestações de discordância de algumas pessoas ainda mais conservadoras, Furtado afirmava que a sua luta em defesa da promoção feminina foi vista com bons olhos por grande parte da sociedade porto alegre e gaúcha, inclusive por muitos homens. Segundo ela não eram apenas as mulheres que votavam e apoiavam a sua causa, 50% de seu eleitorado era composto de pessoas do sexo masculino. Mas não eram os homens imaturos que temiam a formação da mulher. Seu eleitorado era composto pela mulher que via nela a possibilidade de ter suas demandas atendidas e também pelo “homem adulto, maduro, consciente das suas qualidades, que gosta de uma companheira bem promovida ao seu lado, que trabalha, que estuda, que lê.”<sup>62</sup>

Essa promoção que estimulava as mulheres a saírem para as ruas e buscarem seu espaço na sociedade, ingressando nas universidades, nos projetos assistenciais, na Igreja e no

---

<sup>60</sup> FURTADO, 1974

<sup>61</sup>Entrevista concedida à Memória do Parlamento Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher . Agência de Notícias 28/03/2008 In: [www.al.rs.gov](http://www.al.rs.gov).

<sup>62</sup> Idem.

mercado de trabalho e se atualizando para se tornarem companheiras melhores e mais interessantes para os maridos, parece estar muito voltada para a classe média e para a burguesia porto alegre e gaúcha. Não apenas as mulheres, mas igualmente os “homens maduros e conscientes”, mencionados pela parlamentar, também parecem pertencer a este extrato social mais elevado, que compreendiam as mudanças da sociedade moderna e apoiavam este tipo de emancipação feminina, uma vez que esta não alterava os papéis de mãe, dona de casa e esposa já estabelecidos e que, ao mesmo tempo, poderia trazer, junto com a autonomia de suas filhas e esposas uma economia financeira e uma maior qualificação para as mulheres da casa.

Segundo a promoção defendida pela deputada, não bastava que essas mulheres fossem apenas mais uma cara e um “corpinho bonito” ou que se contentassem com a leitura de uma receita de goiabada ou de um livro de orações, os homens modernos da classe média precisavam de companhia, de mulheres bem articuladas e atualizadas, capazes de entendê-los e acompanhá-los em suas conversas, enfim, precisavam de “companheiras à altura.”<sup>63</sup>

Qualquer outro tipo de promoção que não esta, especialmente a defendida por grupos feministas da capital, que não preservasse as boas qualidades e valores femininos e que questionasse a dominação masculina ao ponto de verdadeiramente modificar estruturas de dominação não era vista com bons olhos pela parlamentar, sendo considerada “invenções egoístas e masculinizantes”. Ancorada na História, curso em que era diplomada, reiterou a importância da intervenção e do apoio masculino no processo de emancipação da mulher.

“Não se conhece, em todas as páginas da humanidade, nenhum exemplo de promoção de uma classe social, de uma categoria profissional, sem o apoio decisivo de um grupo de liderança, muitas vezes proveniente de outra classe. Nada de feminismo intolerante. Nada de movimentos anti-masculinos geralmente partidos de mulheres frustradas ou que desejam, com seu exotismo de atitudes, a sua auto-promoção.”<sup>64</sup>

#### **1.4 A relação com as feministas**

Apesar do pouco registro encontrado sobre esse assunto, notamos que Dercy Furtado teve grandes dificuldades em lidar com os grupos feministas do estado e da capital devido à sua forte orientação católica e à defesa intransigente de valores que estavam sendo questionados por estes grupos, como o matrimônio, a pureza, a virgindade antes do casamento, a

<sup>63</sup> Entrevista concedida à Memória do Parlamento Dercy Furtado: a luta pela libertação da mulher . Agência de Notícias 28/03/2008 In: [www.al.rs.gov](http://www.al.rs.gov).

<sup>64</sup> Anais Assembleia Legislativa 8/3/1975

maternidade e a família tradicional.

Sempre que pôde, preferiu se intitular como uma mulher feminina e não feminista que lutava por uma promoção “numa linha de maturidade, sem exotismos e histerismos”<sup>65</sup>, fazendo questão de deixar claro em seus discursos a sua felicidade conjugal e demonstrando que era possível sim, lutar pela promoção da mulher, sem que fossem abaladas as estruturas familiares. Quando de seu pronunciamento no Congresso Nacional, Dercy Furtado se definiu da seguinte maneira:

“Casada, com seis filhos, já sou avó de quatro netos. Fui feliz, graças a Deus no casamento. Acho muito importante que se coloque isso neste depoimento. Amo meu esposo e sinto que sou amada. Isso é muito importante para perceberem que sou uma pessoa equilibrada.”<sup>66</sup>

Para a parlamentar era necessário que se marcasse posição, que seu discurso relativo à libertação das mulheres fosse visto de maneira diferente do proferido pelas feministas, pois apesar de, em muitos aspectos, defenderem as mesmas questões, como a criação de creches, o planejamento familiar, a ocupação de postos de serviço e salários iguais entre homens e mulheres, discordavam na forma como estas medidas deviam ser postas em prática e também em outras questões relativas à liberalização sexual, ao aborto, ao divórcio e ao questionamento dos papéis pré-estabelecidos das mulheres na sociedade.

Através de um discurso que caracterizava todos os movimentos feministas como sexistas, ou compostos de mulheres “frustradas” e “exóticas” que tinham por objetivo chamar a atenção, Furtado tentou desvalorizar a luta dessas mulheres, na medida em que não apenas repudiava muitas de suas propostas, mas também fazia questão de estereotipá-las, contrapondo sentimentos supostamente feministas de “guerra, revolução ou revolta” aos de amor, alegria e colaboração, que estariam presentes em sua atuação e nas de suas correligionárias. A dicotomia criada pela parlamentar colocava de um lado a sua luta pela promoção da mulher, defendida de maneira madura e equilibrada, e de outro a luta das feministas, muitas vezes caracterizada como adolescente, imatura e raivosa.

Como foi referido anteriormente, não foi possível perceber uma grande quantidade de críticas e embates travados entre a parlamentar e as feministas nas fontes utilizadas para este trabalho. Encontramos, sim, algumas críticas pontuais, especialmente quando se tratavam dos assuntos relacionados ao aborto e ao divórcio. Pode-se depreender daí que além de uma postura de crítica aos movimentos feministas, Furtado ignorou esses grupos, bem como esses grupos também pareciam ignorá-la, uma vez que provavelmente não se sentiam representadas

---

<sup>65</sup> FURTADO, 1974.

<sup>66</sup> FURTADO, 1977

por seus mandatos, preferindo atuar em outros meios que não o político institucional, ou apoiando outras parlamentares.

Apesar de não se dirigir muitas vezes à atuação dos grupos feministas, Furtado marcou, indiretamente, a sua posição contrária a esses grupos, na medida em que lia na Assembleia Legislativa ou publicava em sua coluna no jornal *Zero Hora*, artigos e cartas de ferozes críticos dos movimentos feministas, elogiando a sua atuação em defesa das questões das mulheres. Entre os principais apoiadores da parlamentar e críticos desses movimentos podemos citar Millôr Fernandes e Rogério Mendelski.

Fernandes, em artigo de 16 de abril de 1973, intitulado “Feminismo”, extraído do *Pasquim*, e publicado no livro *Opinião*<sup>67</sup> elogiava o trabalho realizado com as empregadas domésticas pela então vereadora Dercy Furtado e caracterizava as feministas como “meia dúzia de donas de casa da alta classe média, cujo 'trabalho hediondo' consiste em dar algumas ordens incompetentes às empregadas, antes de irem as boates e para as reivindicações de liberdades sexuais (ainda existe, meu Deus, alguma coisa a reivindicar nesse setor?)”<sup>68</sup>. Em diversas outras vezes o jornalista estereotipou as feministas, afirmando, por exemplo, que “feminista é uma mulher que só pensa em ser chofer.”<sup>69</sup>

Por sua vez, Rogério Mendelski, apoiador da promoção defendida por Dercy Furtado quando da fundação do Movimento de Mulheres de Porto Alegre, em 9/8/1979 escreveu um artigo na Folha da Manhã intitulado “*Feminismo, tolice feminina?*”:

“Sou forçado a admitir, que tais organizações do tipo Woman's Lib são ridículas e quase sempre são lideradas por mulheres que estão de mal com o mundo. (...) Não sei, sinceramente o que o MOMULI (sigla inventada pelo próprio autor) está querendo neste momento difícil da vida nacional, mas nem por isso bancarei o futurólogo renunciando a vida efêmera dessa estranha organização que passará a nos marcar de cima.

E conclui:

Portanto, prezadas feministas do MOMULI, devagar com o andor que o santo é de barro. Esse negócio de ficar malhando os homens, culpando-os com a responsabilidade da submissão feminina, não é bem assim. Quem fica nesse papo merece o castigo de uma cozinha engordurada, filhos ranhentos, cacetadas semanais do marido alcoólatra e prestação da Louro no cartório. Mulher inteligente não curte papo feminista. Mulher inteligente tem até marido submisso. Que cozinha pra ela, faz chazinho todas as manhãs cuidando do regime dela e vive repetindo: sou o marido mais feliz do mundo. Acreditem dondocas.”<sup>70</sup>

Dercy Furtado fez um pronunciamento na Assembleia Legislativa, no dia 17 do mesmo

<sup>67</sup> FURTADO, 1974 p.

<sup>68</sup> Idem, p. 79

<sup>69</sup> Apud. MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1982)*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

<sup>70</sup> Idem p.83

mês, após a publicação desse artigo e não fez críticas à postura do jornalista, nem se referiu ao assunto que provavelmente teve grande repercussão não apenas na Imprensa, mas também dentro dos setores onde a deputada atuava.

Não podemos depreender daí que ela concordava com as ideias explicitadas pelo jornalista, mas que talvez tenha se beneficiado com as críticas feitas às feministas, uma vez que disputava com elas a legitimidade do que seria a promoção da mulher e a forma de conquistá-la.

## 2. Em nome da mulher e de Deus

Ao longo de sua trajetória Dercy Furtado manteve uma forte vinculação com a Igreja Católica, desde sua chegada a Porto Alegre, quando sua mãe foi pedir proteção espiritual à família, na sua participação em diversos grupos e eventos promovidos pela mesma, como alavanca para sua candidatura à vereança em 1972 e em todos os seus mandatos, durante os quais manteve contato com essa base de apoio. Sobre a importância da Igreja na vida da parlamentar, podemos citar um trecho retirado de seu livro *Orações que mamãe me ensinou*:

“Ao chegarmos à capital minha mãe nos levou até o saudoso Monsenhor Emílio Loterman, vigário na ocasião da Igreja São Pedro. Muito religiosa que era achava que o primeiro lugar que se vai quando se chega a uma cidade, é a uma Igreja pedir proteção a Deus e ao sacerdote para seus filhos. Jamais procurou políticos 'graúdos' para pedir emprego ou apoio à sua família. Todo mundo tinha que se virar com a graça de Deus como ela dizia sempre.”<sup>71</sup>

E foi com a graça de Deus que Furtado não se afastou da religião e, com 18 anos, já presidia uma organização católica junto com o marido. Ela sempre esteve ativamente presente nos movimentos assistenciais e caritativos organizados pela Igreja. Teve passagem pelos Clubes de Mães, Movimento Familiar Cristão, Centro de Promoção da Doméstica, sendo inclusive delegada do Sínodo Arquidiocesano de Porto Alegre.

Nas fontes percebe-se que possuía um bom trânsito com padres, bispos e arcebispos não apenas da capital, mas de todo o estado. Ocupando um lugar importante nos setores dirigentes da Igreja foi tecendo sua rede de contatos e relações e também ganhando visibilidade e reconhecimento.

Foram por sua atuação nesses movimentos vinculados à Igreja, além de suas boas relações com os dirigentes da mesma, que pôde tornar-se conhecida, com suas ideias, princípios e valores. Sua boa inserção, juntamente com a do marido nos meios eclesiásticos abriu portas importantes para suas atuações futuras ao passo que não apenas participou desses movimentos, mas também assumiu postos de liderança, falando em nome da Igreja, como interlocutora desta com a sociedade civil.

Por todo este trabalho religioso em Porto Alegre é que conseguiu se inserir em diversos outros locais importantes, palestrando sobre a valorização da família cristã e sobre o que seria para ela a promoção da mulher católica e sua inserção na sociedade em diversos municípios do estado.

---

<sup>71</sup> FURTADO, 1984 p.60

Segundo Furtado:

“Ingressei em diversos movimentos comunitários. Com meu esposo presidimos o Movimento Familiar Cristão, onde promovemos centenas de palestras e cursos, não só em Porto Alegre, mas em todo o país. Como palestrante percorri toda cidade. Vilas, Colégios, Paróquias, Clube de Mães, Rotary, Lions, sempre trabalhando por uma família feliz.”<sup>72</sup>

Por se fazer conhecer e reconhecer como uma mulher representante dos valores defendidos pela Igreja e de uma promoção feminina que não feria a família que foi convidada por D. Antônio Cheuiche, bispo auxiliar de Porto Alegre, para assumir a presidência do Centro Arquidiocesano de Promoção da Doméstica. Sobre o seu interesse pela qualificação das empregadas domésticas, Furtado afirma que:

“Minhas preocupações sobre o assunto não são de agora, vêm de longa data. Tentávamos em nossa casa praticar o que imaginávamos ser o correto: amparávamos as nossas domésticas recomendando que voltassem a estudar e deixando tempo livre para que isto realmente acontecesse, tentávamos transmitir-lhes hábitos de bom relacionamento humano; induzíamos as visitas aos dentistas e à crença nos consultórios médicos”<sup>73</sup>

Localizado na Avenida Independência, nº 581, e administrado pelas Irmãs de Maria Imaculada este centro tinha por objetivos auxiliar as moças que vinham do interior em busca de emprego e que necessitavam não apenas de um lugar para ficar, mas também de referências de seu trabalho e de sua idoneidade.

Para além dessas funções de albergue e agência de empregos, o Centro de Promoção da Doméstica oferecia cursos, consultas médicas e odontológicas com custos subsidiados e também pretendia criar uma creche para os filhos das empregadas. Podemos perceber que a atuação deste Centro era relativamente ampla, pois “em seu primeiro ano de funcionamento o Centro já encaminhou à colocação cerca de 300 empregadas, sendo que os atendimentos odontológicos atingiram a 130 e os médicos foram em número de 236.”<sup>74</sup>

Nota-se não apenas a preocupação com a assistência dada a essas mulheres e à sua colocação no mercado de trabalho, mas também o cuidado com a pureza e as questões morais. Furtado preocupava-se com o desvirtuamento dessas moças que, vindo sozinhas para a capital em busca de empregos e não encontrando-os, corriam o risco de se perderem na vida, encontrando outras formas de sustento não consideradas por ela muito dignas. Segundo a parlamentar, não investir e nem se preocupar com o bem dessas moças seria “a maior injustiça, porque a prostituta é sempre a empregada doméstica que vem da colônia.”<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> FURTADO, 1974

<sup>73</sup> Idem p. 43

<sup>74</sup> Idem p.87

<sup>75</sup> Anais Assembleia Legislativa junho de 1975

Por outro lado, o trabalho realizado neste Centro era não apenas de auxílio e estadia para as “moças que vinham do interior”, mas também um local onde as contratantes poderiam buscar referências sobre suas futuras empregadas domésticas. Analisado sobre esse viés, o Centro Arquidiocesano de Promoção da Doméstica pode ser visto como algo parecido a uma agência de empregos, que ancorada no prestígio e nos bons valores e costumes da Igreja estava apto a gerar certificados de bons antecedentes e cartas de recomendações, muito úteis não apenas para as moças que ali estavam à procura de emprego, mas especialmente às famílias das classes mais favorecidas que ali buscavam pessoas de confiança para trabalharem em suas casas.

Com seu serviço de albergue, de consultas médicas subsidiadas, de oferecimento de cursos, de colocação no mercado de trabalho e com a pretensão de criar uma creche para os filhos da empregada doméstica, o centro acabou funcionando muito mais como um lugar de capacitação e auxílio às empregadas do que como um espaço de discussões e reflexões sobre esta profissão. A “promoção” constante no nome do Centro Arquidiocesano de Promoção da Doméstica estava muito mais voltado à atualização, formação e preparo para as moças que seriam inseridas em seus futuros empregos do que aos debates acerca da história, funções, legislação, direitos e deveres dessa categoria profissional constituída predominantemente por mulheres.

Apesar da natureza dessa organização da qual Dercy Furtado foi presidente não se pode fazer uma relação direta entre o Centro de Promoção da Doméstica como uma agência de empregos e o futuro sucesso da sua candidatura à vereança. Foi, sim, de grande valia para que não apenas a sua atuação junto às empregadas como também suas ideias fossem conhecidas por aquelas que buscavam oportunidades e lhes eram gratas, mas também por aquelas senhoras contratantes que reconheciam o seu trabalho.

Como já vimos anteriormente e segundo a própria parlamentar foi pelo seu trabalho junto à Igreja, proferindo palestras em defesa da família, que teve o nome lembrado para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Em 1972, Furtado filiou-se à ARENA e concorreu às eleições municipais.

Com uma campanha voltada para os interesses femininos e com a utilização do slogan "Em tempo de amor-perfeito", a candidata percorreu a cidade em carreata, distribuindo mudas do símbolo da campanha, a flor amor-perfeito. A própria campanha de Dercy Furtado, uma vez que apelando para o amor e a pacificação já dizia muito sobre a construção de sua imagem política e sua atuação em seus futuros mandatos.

Os valores que Furtado não apenas possuía, mas explicitava no jogo político eram

exatamente esses que falam da paz, do amor e da necessidade da sensibilidade feminina. Defendendo a virgindade, o casamento, a família, a maternidade e a união de homens e mulheres em prol de uma sociedade melhor, a candidata conseguiu atingir e comover, provavelmente, boa parte daqueles que como ela e o marido militavam junto às organizações da Igreja e defendiam os mesmos valores.

Com seus discursos favoráveis a um tipo de promoção feminina- aquela que buscava espaço para as mulheres e visava não agredir aos homens na busca por este espaço e que, especialmente mantinha a defesa da família e dos papéis de mãe, mulher e esposa- e não outra, Furtado provavelmente atingiu aquelas mulheres que buscavam algum tipo de representação na defesa de seus direitos e queriam uma outra via de promoção que não a defendida pelas feministas.

Como fez sua carreira e tornou-se conhecida por sua atuação na Igreja, a candidata não apenas carregava consigo preceitos e valores defendidos pela instituição, mas também criava um discurso coerente com o seu passado e que fosse palatável e atraente para os eleitores desse meio. Aí entra a explicitação da defesa de praticamente todos os valores defendidos pela Igreja Católica e a preocupação com obras assistenciais, principalmente aquelas voltadas para aqueles que considerava mais necessitados como os menores abandonados, deficientes mentais e idosos.

O principal valor defendido pela deputada era a instituição da família. Segundo Furtado, esta constituía a base da sociedade e também o local de exercício das primeiras aprendizagens coletivas que seriam capazes de formar o caráter das pessoas e, inclusive da nação. Para ela, “a Nação não é mais que um conjunto de famílias” e se as pessoas queriam mudar algo no seu estado ou país, deviam olhar, primeiramente para as atitudes que tinham dentro do próprio lar, pois este deveria ser a escola de treinamento das pessoas para a vida em sociedade, porque “desde a simples divisão dos alimentos na hora do almoço até a blusa que passa de mãe para filha, todos os momentos de intimidade familiar fortalecem a educação comunitária.”<sup>76</sup>

Partindo desses princípios alertava que, para que o “velho albergue amoroso e fonte das tradições mais caras” não deixasse de existir era necessária uma remodelação do mesmo. Não se tratava mais de defender a família patriarcal, vista pela parlamentar como algo ultrapassado, era necessário que se reinventasse a instituição familiar, onde a mulher não ficasse encarregada apenas das funções domésticas, onde a figura do pai não fosse mais temida e onde os filhos tivessem, efetivamente, participação nas decisões do lar.

---

<sup>76</sup> FURTADO,1974 p. 16

Desde as palestras que promovia na Igreja juntamente com o marido, até os seus discursos parlamentares, sempre se manifestou contra a desestruturação familiar que se via evidenciada pela falta de diálogo entre pais e filhos, pelo abandono dos idosos e especialmente pelo número crescente de divórcios. Para Furtado este tipo de família constituía-se em “um quadro realista estilo Picasso, de figuras estranhas e distorcidas”<sup>77</sup> e deveria ser combatido, uma vez que o homem sem família seria como uma “árvore sem raízes, exposta aos ventos e tempestades”<sup>78</sup>.

A partir da argumentação de que a família era benéfica, não só ao homem, como lugar de refúgio, esteio e compreensão, mas também à sociedade em geral, pois, criando seus membros num ambiente de amor, afeto e camaradagem, também estaria criando pessoas estáveis, equilibradas e personalidades fortes capazes de enfrentar os problemas que o mundo sofria, Furtado batia-se por sua manutenção.

Como exemplo do pensamento de que a família constituía-se na base da sociedade e que os problemas do mundo encontravam muitas de suas causas dentro da desestruturação da mesma, em pronunciamento sobre o gradualismo da abertura política do país, no governo do ditador João Baptista Figueiredo, afirmou que:

“Convém finalmente sublinhar que a fonte de todas as soluções reside na família bem organizada. A desordem coletiva e a desesperança são consequência do desmoronamento do núcleo fundamental da sociedade que é a família, onde são apreendidos os valores básicos da honestidade, da fidelidade, da lealdade, do carinho, da compreensão, do amor, da união, dos critérios de divisão justa dos bens materiais. Maridos que abandonam esposas, esposas que traem, filhos desajustados, órfãos de pais vivos são a causa, e igualmente, o efeito, do que vai no meio político e econômico do País (...) Só teremos um mundo melhor quando os homens se convencerem de que a primeira escola de governo é a família.”<sup>79</sup>

Pode-se depreender de seu discurso que os problemas econômicos e políticos do país eram frutos da falência da instituição familiar e que provavelmente se esta fosse restabelecida o país não estaria passando pelo clima conturbado da abertura política. Através da construção desse discurso que supervalorizava o peso e o valor da família, bem como o seu papel para a manutenção e criação de um estado forte, Furtado apelava para que o governo tomasse medidas em defesa da mesma, pois:

“A Nação não é mais um conjunto de famílias. Daí a responsabilidade dos organismos governamentais de amparar estes movimentos [O Movimento Familiar Cristão, a Escola de Pais, as associações de Pais e Mestres, os Clubes de Mães] até agora tão abandonados às suas próprias forças. A luta pela família é a luta pela sobrevivência da própria nacionalidade. Esperança para a salvação do que resta do homem”<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> Idem p. 15

<sup>78</sup> Idem

<sup>79</sup> Anais Assembleia Legislativa 28/6/79

<sup>80</sup> FURTADO, 1974, p.16

Vista não apenas como um bom valor da sociedade, capaz de mediar as relações entre os homens e de lhes dar sustento e apoio sentimental, a defesa da família, para Furtado, era percebida como uma questão de Estado, uma vez que o mesmo se veria em risco caso não tomasse providências para a salvação e fortalecimento dos “bons” valores que estariam “perecendo”. O próprio posicionamento político da deputada era condizente com a concepção de que a família deveria ser defendida na esfera política. Da tribuna fez vários discursos contra o divórcio e o aborto e em defesa do planejamento familiar, bem como elogiou pronunciamentos e projetos que beneficiaram e garantiram a manutenção da família no mundo moderno, como, por exemplo, a criação de creches para as mães trabalhadoras.

Considerada como o marco inicial para a construção da felicidade conjugal e da construção familiar, a instituição do casamento também era muito valorizada pela deputada, em resposta àquelas que acreditavam que “o amor à família fosse uma demagogia” e que “o casamento já era”, Furtado deixa clara a sua posição contrária ao divórcio e em defesa do casamento, fazendo seus leitores pensarem na solidão daqueles que optaram por vidas solitárias. Em artigo publicado em seu livro *Opinião*, reflete sobre a instituição, perguntando:

“Quais os que se suicidam? Quem são os bêbados, os inseguros, os irresponsáveis? Os pais de família que trabalham todos os dias pensando no futuro dos filhos, ansiando por uns momentos em casa, a troca de confidências, as intimidades reconfortantes, os beijos e carícias, ou aqueles que declaram não acreditar mais na vida familiar e no casamento? (...) Quando o político não tiver mais votos, quando o artista vir desaparecer o seu público, quando a corista notar varizes nas pernas, o conquistador possuir a barriguinha dos 50 anos, a esposa e o esposo continuarão juntos.” (...) E assim, desde que o mundo é mundo, com crises de fins de civilização, de mudança de valores, a família permanece como a melhor invenção humana para gerar a felicidade e paz.”<sup>81</sup>

Construindo essa imagem de abandono para as pessoas que não constituíam família, e que não tinham, por isso, objetivos para a existência, mais uma vez a parlamentar reafirma a validade do casamento e dos laços conjugais uma vez que estes, ao contrário dos relacionamentos voláteis e fugazes, se mantinham ao longo do tempo e sobreviviam aos momentos mais difíceis que poderiam ser encontrados na vida. O casamento sobreviveria não apenas às suas crises internas, mas também às “crises de civilização” e “mudança de valores”, demonstrando ser uma instituição sólida<sup>82</sup>.

Para além da defesa da família e do casamento, Dercy Furtado também atentou para a necessidade da interação entre pais e filhos e para a solidão dos jovens. O uso das drogas e a rebeldia da juventude poderia ser justificada pela incompetência de seus pais, que não dando aos filhos o amor, o carinho e o espaço para o diálogo, acabavam criando adultos inseguros e

<sup>81</sup> FURTADO, 1974 p.17

<sup>82</sup> FURTADO, 1974 p.9

conflituados. Novamente a família em crise mostrava-se, ao mesmo tempo, como a causa dos problemas e possível solução dos mesmos na sociedade. Em artigo intitulado *Solidão dos Jovens*, afirma:

“50 % das famílias brasileiras não estão regularmente constituídas. Portanto, não é de se estranhar o número crescente de jovens viciados nos mais diversos tipos de drogas. É muito comum encontrarmos moças e rapazes angustiados e revoltados contra autoridades, escola ou sociedade. Descarregam nas instituições todo o amargor, todo o desespero da sua primeira comunidade fracassada – a família. (...) Pais incompetentes no amor formam criaturas inseguras, conflitadas e insatisfeitas.

Como solução para este triste quadro da juventude brasileira e os possíveis danos que esta poderia trazer a nação, a parlamentar dá uma solução simples, baseada no diálogo familiar e na explicitação do amor dos pais pelos filhos e sugere:

“Amigo. Queridas amigas que me leem. Pais cansados da correria da semana inteira, testas franzidas de preocupações. Hoje é domingo, dia de futebol, de parque e de cinema. Medite quantas vezes beijou sua filha nos últimos tempos. Quantas confidências seu garoto de olhos transparentes lhe confiou? Não se deixe dominar pela roda viva deste mundo que lhe quer engolir. Olhe ao seu redor. A verdadeira felicidade mora bem a seu lado. Hoje é domingo, pessoal, é dia de pai e de mãe.”<sup>83</sup>

Apesar de afirmar que “não chego ao ponto de concordar com o 'slogan' 'criança infeliz, adulto desequilibrado’”, acreditando que as novidades da psicologia e da educação se mostravam eficientes para ajudar a superar muitos “traumas” e “desajustes”, Furtado investia na defesa do diálogo para o funcionamento harmonioso da família, mas, sobretudo, para o bem da sociedade, uma vez que, para ela, uma família poderia ser ao mesmo tempo, fruto dos problemas da nação, bem como solução para os mesmos.

Através de seus discursos podemos perceber que Dercy Furtado sempre que pôde se manifestou contrária ao aborto, ao divórcio, à pornografia, ao homossexualismo e à “libertinagem”. Entretanto, não bastava apenas explicitar a defesa ou discordância a respeito dessas questões, era preciso que tivesse posturas, que tomasse medidas enquanto parlamentar para transformá-los em ações. Por isso pregou em prol do planejamento familiar, do incentivo ao diálogo conjugal, explicitou sua contrariedade ao projeto de lei que previa o direito de se divorciar mais de uma vez e criou projeto sugerindo, inclusive, a inserção do curso de preparação para o casamento na grade curricular da rede pública de ensino do estado.

Sobre a defesa da família gaúcha, em pronunciamento de oito de dezembro de 1980, a deputada elogia a crônica do jornalista Rogério Mendelski, publicado no mesmo dia pela *Folha da Tarde*, afirmando que:

“Rogério Mendelski fala com muita propriedade em sua crônica que, hoje em dia, fala-se em divórcio, em homossexualismo parece ser normal, temos que lutar contra isto, temos que lutar em defesa da família gaúcha, em defesa dos valores perenes

<sup>83</sup> FURTADO, 1974 p. 33 e 34

(...), está na hora de os pais, as mães, os educadores não terem vergonha de dizerem aos filhos que o homossexualismo é uma doença, que o aborto é um crime, que enganar o marido é um pecado, é um erro grave, que enganar a esposa também é um grave erro.”<sup>84</sup>

A partir desse discurso conseguimos perceber, novamente, o forte conservadorismo de Furtado e a sua grande vinculação com os valores defendidos pela Igreja Católica, seu lugar de formação e sua base de apoio. O divórcio, o homossexualismo, o aborto e a traição conjugal eram vistos como males que deviam ser combatidos não apenas no âmbito privado, mas também nas escolas, evitando, assim a “desestruturação” da família brasileira, base de toda a “Nação”.

Dercy Furtado se pronunciou contra a pornografia, o divórcio, o homossexualismo e a “libertinagem”, pois acreditava que estes não eram bons costumes que deveriam ser ensinados aos jovens e colocavam em risco a família brasileira. Sobre a pornografia, a deputada muitas vezes exigiu dos governantes que tomassem medidas a fim de que essa fosse proibida, exigindo da censura uma maior atuação na punição dos cinemas que exibiam esse tipo de filme e que, principalmente, expunham seus cartazes em frente às igrejas e escolas.

Manifestando-se a respeito do divórcio, afirmou que “em princípio sou a favor da união, do amor, do companheirismo, sou assim, contra as separações, os divórcios, as rupturas”<sup>85</sup>. A deputada fez várias falas criticando o mesmo, pois este seria o símbolo da desistência frente aos problemas do casamento, e serviria como “péssimo exemplo” de abandono nas situações difíceis, num mundo volátil onde a manutenção dos valores perenes não era incentivada. Como afirmado anteriormente, as situações privadas (do casamento, da família e do divórcio) eram transpostas para as questões públicas (da política e da vida em sociedade).

Assim, um filho criado em um ambiente hostil, provavelmente se transformaria num adulto desequilibrado e num péssimo profissional, da mesma forma que um casamento desestruturado e uma família infeliz resultariam em um estado fraco, incapaz de resolver os seus problemas, uma vez que composto por pessoas desunidas que não aprenderam no lar, “escola de treinamento do homem”<sup>86</sup> os valores básicos da vida em comunidade e da doação aos outros.

---

<sup>84</sup> Anais da Assembleia Legislativa 8/12/1980

<sup>85</sup> FURTADO, 1974 Idem,p.9

<sup>86</sup> FURTADO,1974, p.17

### 3. O conservadorismo como profissão de fé

Conforme já mencionado, o início da carreira política de Dercy Furtado se deu através do convite de Telmo Thompson Flores, em 1972, para se filiar à ARENA no período do regime militar e se candidatar à vereança pela legenda. Aceitando o convite, Furtado iniciou uma relação com o partido que durou cerca de 13 anos, estando presente em importantes momentos da sua história como, quando da volta do pluripartidarismo e a reorganização e mudança de sigla, para o PDS, nas decisões sobre a abertura política, eleições diretas para a presidência da república, etc.

No período da volta do pluripartidarismo, Dercy Furtado faz questão de deixar claro a sua permanência na ARENA, lendo na Tribuna da Assembleia uma missiva que remeteu ao presidente João Baptista Figueiredo. Segundo esta missiva, seriam cinco as principais razões para a sua permanência, apesar de também “haver recebido vários convites dos líderes dos outros partidos que se organizam”<sup>87</sup>, seriam elas: 1- a certeza do comprometimento do presidente em resolver os problemas do país, como programas para o fim da pobreza, 2-uma questão de coerência, em ficar no partido que lhe convidou a entrar na política e que deu oportunidade ao marido, 3-porque sempre se sentiu a vontade dentro da ARENA, com liberdade para elogiar e reclamar do que não achava certo, 4- pelo reconhecimento ao presidente Geisel e o cumprimento dos compromissos de candidato, como a realização da abertura política, decretação da anistia, término do bipartidarismo, o fim da censura nos meios de comunicação e outras que permitiriam que o país voltasse à plenitude democrática, 5- porque o governador Amaral de Souza solicitou sua colaboração para ajudar a criar ideário político para o novo programa partidário do PDS no Rio Grande do Sul.

Somente no ano de 1985 é que Dercy Furtado mudou de partido, ingressando no PDT e rompendo definitivamente relações com o PDS. Entretanto ao longo desses 13 anos dentro da legenda a relação que tinha com o partido foi marcada por momentos ora de defesa quase incondicional dos ditames partidários e do seu programa, ora de fortes críticas às posições tomadas pelos seus dirigentes. Dercy Furtado defendia a “revolução” na medida em que esta teria sido necessária para conter o perigo do comunismo e ateísmo que estavam cada vez mais presentes no Brasil e eram considerados pela parlamentar “verdadeiras pragas do nosso século”<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> Anais da Assembleia Legislativa 10/12/1979

<sup>88</sup> FURTADO, 1977, p.47

Imbuída desses ideais, algumas medidas mais drásticas de cerceamento da liberdade, como a cassação de mandatos e o estabelecimento do voto indireto e do bipartidarismo eram percebidas por ela como males necessários para conter o materialismo que se alastrava pelo país e também a desestruturação da família brasileira e dos valores cristãos. A respeito da falta de liberdade existente no período militar, Dercy Furtado defendia o partido e afirmava que:

“Quem não ama a liberdade, quem não ama a justiça? É bem verdade que essas palavras ficaram muito mais na boca dos parlamentares da Oposição. Por quê? Porque nós da Situação estamos numa posição em que ficaria difícil falarmos em liberdade, pois cabe a nós zelar pela ordem e fazer cumprir as leis, mesmo tolhendo a liberdade de uns em favor do bem comum.”<sup>89</sup>

Muitas vezes se pronunciou favoravelmente ao governo militar, elogiando os generais e desqualificando as críticas de seus oponentes, parlamentares do MDB. Em um pronunciamento em março de 1975, após o resultado favorável ao MDB nas eleições para as Assembleias Legislativas e o Congresso Nacional, Furtado, rebatendo críticas ao deputado Waldir Walter a respeito da falta de liberdade existente no país demonstra alegria e satisfação com os resultados, afirmando que eles só demonstravam o clima de liberdade existente no regime militar.

“O senhor falou sobre a derrota da ARENA na última eleição. Sinceramente quero confessar que na hora do resultado da eleição, eu não sabia se estava feliz ou triste, se eu ria ou se eu chorava, porque se há coisa que me fere profundamente é a lavagem cerebral, preocupação que os Senhores têm e eu também tenho muito (...). Então, quando do resultado das eleições, a minha grande alegria, e que vem contra tudo que V. Exa. colocou é que neste País não havia acontecido uma lavagem cerebral. Graças a Deus, o povo era livre para dizer o que queria (...). Feliz do Governo que ainda permite que o povo pense e decida o que quer. Foi a grande vitória deste Governo a vitória do MDB.”<sup>90</sup>

Além da sua concordância e defesa do programa do partido, Furtado também tinha grande inserção dentro do mesmo, sendo encarregada da implantação dos setores femininos da ARENA em diversas cidades, palestrando em outros estados sobre a função da mulher arenista, assumindo a presidência do mesmo na capital e especialmente sendo até indicada por colegas para se candidatar à prefeitura de Porto Alegre. Em setembro de 1976, quando assumiu a direção do partido na capital e foi responsável por organizar as campanhas eleitorais do ano seguinte, reiterou seu compromisso com a legenda, afirmando que a ARENA era um lugar para a mulher, um lugar onde pôde levar adiante a sua luta:

“Venho pedir e, mais uma vez, agradecer a confiança que a ARENA vem depositando na mulher gaúcha. Disse muito bem V.E.xa, a ARENA não alardeia, não

<sup>89</sup> Anais da Assembleia Legislativa março de 1975

<sup>90</sup> Idem, março de 1975.

só fala nos comícios sobre o valor da mulher, a ARENA está confiando na mulher. Isto sinto-o desde os primeiros momentos em que ingressei na política, desde o Primeiro Congresso Feminino, pois tivemos naquela ocasião todo o apoio.”<sup>91</sup>

Na continuação desse pronunciamento, assumiu, como dirigente do partido na capital e organizadora da campanha eleitoral, uma postura bastante positiva sobre os rumos do partido nas futuras eleições, afirmando, através de um discurso bastante otimista, a qualidade, superioridade e legitimidade da ARENA frente ao povo brasileiro.

“A ARENA tem tudo para vencer, não tem qualquer razão para perder; é o partido do povo porque o povo o elegeu no Brasil, porque é maioria no Brasil e porque não existe governo sem povo. Se hoje, no Brasil, a ARENA é maioria é porque o povo está com a ARENA, é porque a ARENA tem como seus dirigentes homens simples, humildes e pobres.”<sup>92</sup>

Para além dessa função de grande importância, como presidente do partido na capital, sua indicação para ser a futura candidata da ARENA para a prefeitura de Porto Alegre demonstra o tamanho de seu prestígio e importância dentro da sigla e seu suposto grande potencial de votos. Conforme a parlamentar em pronunciamento de nove de abril de 1984:

“Nas quatro legislaturas fui sempre a mais votada do meu Partido, aqui, nesta cidade. Portanto lembrar do meu nome para a Prefeitura de Porto Alegre é algo que me engrandece, que me dá uma responsabilidade enorme e uma vontade incrível de fazer muitas coisas por esta cidade (...) Queremos encerrar o nosso pronunciamento dizendo, mais uma vez, que não só eu, mas a mulher porto alegrense ficou muito feliz. Os telefonemas que foram recebidos em minha residência mostraram que a mulher porto-alegrense ficou exuberante e feliz por ver o nome de uma mulher lançado para concorrer á Prefeitura de Porto Alegre.”<sup>93</sup>

Além da elucidação da sua capacidade de conseguir angariar votos e também de sua felicidade e otimismo com tal indicação, travestida em empenho e desejo de trabalhar pela cidade, Furtado também atentou para a felicidade das porto alegrenses, que pela primeira vez teriam uma mulher como prefeita, o que seria uma grande novidade, e conclui que “seria um fato novo. Assim como fui a primeira Vereadora de Porto Alegre, quebrando tabus e preconceitos, quem sabe não poderíamos quebrar este também, de ver sempre um homem á testa da Prefeitura de Porto Alegre?”

Quando da defesa de seu partido, uma das estratégias que utilizava para rebater as críticas dos deputados opositoristas a respeito da falta de liberdade no país e/ou para criticar deputados que se manifestavam favoráveis ao socialismo era transportar essas questões para o âmbito particular e privado da convivência familiar.

Argumentava, por exemplo, que deputados supostamente liberais na política, em casa

<sup>91</sup> Anais da Assembleia Legislativa 10/9/1976

<sup>92</sup> Idem

<sup>93</sup> Anais Assembléia Legislativa 9/4/1984

apresentavam-se “como verdadeiros ditadores, patriarcas conservadores” que não dialogavam com os filhos e com a esposa e que adotavam uma política centralizadora. A respeito do socialismo também se utilizava do exemplo familiar afirmando que desconfiava do comportamento de deputados que pregavam o socialismo, mas não dividiam as tarefas domésticas com sua esposa e filhas, ou que, pior ainda se diziam socialistas mas possuíam uma casa de veraneio na praia que ficava a maior parte do ano desocupada enquanto milhares de brasileiros não tinham onde morar.

Dercy Furtado acreditava que era muito fácil os deputados falarem de liberdade e socialismo, difícil era pô-los em prática e o local privilegiado para isso seria a própria casa, na família, considerada por ela um núcleo da sociedade brasileira e o local de nossas primeiras experiências.

“Quando o Senhor falou que os reis da Etiópia estão caindo, verdadeiros ditadores, nós não precisamos ir tão longe: a maior ditadura que se vê neste país, é, às vezes aquela exercida por jovens estudantes e parlamentares que defendem a liberdade, que defendem a justiça e são a favor da prostituição. Qual o parlamentar que se levantou, até hoje para falar contra a prostituição. Quer maior injustiça?(...) A liberdade, repito, começa em casa pela fidelidade do marido, pelo direito da esposa estudar. Então liberdade tem de ser usada em casa, aí então vou acreditar nos nossos políticos, vou acreditar nos nossos parlamentares. Falar da tribuna é muito fácil.<sup>94</sup>

Apesar dessas manifestações de defesa e de sua grande simpatia com o partido que a acolheu e lhe deu espaço para atuar em defesa das mulheres, Furtado sempre afirmou que sua luta maior era pela defesa das mesmas e não apenas da legenda. Aliás, a sua própria filiação ao partido e candidatura só foram possíveis pela afirmação dos líderes da ARENA que poderia continuar lutando em prol da promoção feminina. Para Dercy Furtado sua “missão” e seu “tesouro” eram a luta pelos direitos das mulheres e o seu líder maior era Jesus Cristo, não poderíamos esperar que se pronunciasse e nem defendesse valores e interesses muito distantes desses. Em certos momentos de sua vida política, a deputada minimizou a importância das siglas, afirmando que a maior importância está nas atitudes dos parlamentares.

Nesse sentido, sua bandeira específica de lutas e também a sua base de apoio ganhava maior importância do que a defesa do programa partidário e das lideranças políticas da ARENA. Partindo da concepção de que sua maior “missão” era lutar pelos direitos das mulheres e não apenas pelo crescimento e legitimação de sua sigla, Furtado adotou, muitas vezes, uma postura de certa imparcialidade na análise das disputas políticas, refletida numa visão meio pedagógica de elogiar o que está bom e criticar o que deve ser criticado dentro e fora da sigla.

No sistema bipartidário “esperava-se que a ARENA gerasse a legitimidade para o novo

---

<sup>94</sup> Anais da Assembleia Legislativa março de 1975

regime, assim como colaborasse na tarefa de governar o país, facilitando a implementação das iniciativas e das políticas dos militares nos estados.”<sup>95</sup> Entretanto, apesar de muitas demonstrações de grande fidelidade à ARENA, Dercy Furtado não se eximia em demonstrar seu descontentamento com os rumos do partido e nem de tecer críticas, muitas vezes contundentes, aos seus companheiros de legenda e também aos presidentes militares, especialmente nos seus últimos anos dentro do partido.

Orgulhava-se do fato de que um de seus primeiros pronunciamentos na Assembleia Legislativa, em 1975 foi de contrariedade e repúdio ao AI-5 e também de sua postura crítica ao artigo 477 que regulava o afastamento e a expulsão dos alunos considerados subversivos de instituições estudantis, especialmente nas universidades: “Em princípio sou contra o Ato Institucional n. 5. Será uma das primeiras coisas que colocarei aqui nesta casa, inclusive a reformulação da 477. Sou sempre a favor da liberdade, desde que não fira a liberdade dos outros.”<sup>96</sup>

Também fez severas críticas à censura de algumas peças teatrais e músicas consideradas perigosas ao ideário da “Revolução”. Dercy Furtado nunca se colocou explicitamente contra a censura política e, uma vez que questionava a censura desta ou daquela peça, e não a censura como um todo, podemos pensar que concordava que algumas produções culturais devessem ser proibidas. É o caso da censura “moral”, defendida arduamente pela deputada que criticava explicitamente os filmes pornográficos, as pornochanchadas e algumas peças teatrais onde havia um maior apelo sexual. Segundo ela o governo deveria interferir com braço forte contra estes tipos de produção e também contra os estabelecimentos que as exibiam.

É válido ressaltar que “um partido político nunca se constitui como um bloco sólido, unitário, tampouco pode ser interpretado e analisado enquanto tal, sob a pena de se conferir ao mesmo um grau de homogeneidade inexistente na realidade.”<sup>97</sup> Isto é de suma importância para analisarmos a relação que Dercy Furtado estabeleceu com a ARENA, ora de grande apoio, ora de severas críticas. Apesar de estarem juntos em torno da crença em um ideário político e em algumas questões em comum, os membros da legenda nem sempre concordavam com tudo o que lhes era imposto pelo governo militar.

Mesmo que em menor escala do que no MDB, na ARENA houve espaço para críticas

---

<sup>95</sup> Apud. MADEIRA, Rafael Machado. ARENA ou ARENA's? A coesão partidária da legenda do regime em três estados brasileiros. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas UFRGS, Porto Alegre, 2002, p.24

<sup>96</sup> Anais da Assembleia Legislativa em março de 1975

<sup>97</sup> Apud. MADEIRA, Rafael Machado. ARENA ou ARENA's? A coesão partidária da legenda do regime em três estados brasileiros. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas UFRGS, Porto Alegre, 2002, p.31

contundentes aos rumos tomados pela ditadura militar, assim como renúncias e cassações daqueles que, teoricamente, deviam lhe conferir legitimidade e sustentação. É o caso dos deputados federais gaúchos Brito Velho e Raul Pilla eleitos pela legenda que, por divergências dentro partido, abandonaram os seus mandatos em protesto contra a implementação do AI-5.<sup>98</sup>

Furtado não chegou a tanto, suas críticas ao partido e aos governos militares estavam mais voltadas aos problemas gerados pelo alto custo de vida, pela proibição das greves e pela censura de alguns filmes e músicas, além da já mencionada discordância ao AI-5, ao artigo 477 e a Lei Falcão.

Entretanto, a parlamentar recebeu críticas não apenas de alguns de seus companheiros de legenda pela explicitação de seu descontentamento com as posições da ARENA/ PDS e por seus posicionamentos contrários, muitas vezes, às linhas adotadas pelo partido no período. Muitos deputados da oposição apontaram para a incoerência da deputada em criticar, muitas vezes contundentemente, discursos e atitudes dos ditadores militares e, ao mesmo tempo, continuar no partido responsável pela sustentação dos mesmos.

Episódio bastante elucidativo é o seu pronunciamento em 19 de janeiro de 1984, em resposta ao deputado peemedebista Germano Rigotto, que na semana anterior havia criticado sua postura política, chamando-a de incoerente em seus discursos e práticas. A resposta da parlamentar deixa clara a sua postura partidária e, especialmente de sua construção pedagógica e otimista do jogo político, afirmando que não havia escolhido o seu partido e que, o que realmente importava, era sua postura de coerência com seus ideais e empenho em modificar o que não concordava dentro do mesmo:

“Em primeiro lugar não escolhemos todas as situações em que vivemos, ou das quais participamos. Por incrível que pareça fazemos parte de uma roda-viva. Não escolhemos a família em que nascemos. Nascemos em uma família e, muitas vezes nem concordamos com tudo aquilo que essa família pratica, às vezes não concordamos com as ideias de nossos pais ou com as atitudes de um irmão ou de uma irmã. No entanto, não podemos nos voltar contra a nossa família, mas devemos colaborar para modificar suas ideias ou atitudes. Não escolhemos a Igreja da qual participamos. Por incrível que pareça, sou católica porque nasci num lar católico; se tivesse nascido na China ou no Japão, certamente não seria católica. Eu mesma discordo de muitas coisas da Igreja da qual participo; brigo, muitas vezes, com meus bispos, mas 'não vou virar o cocho'(...) Creio que devemos é lutar dentro desta Igreja, para que seja mudado o que não concordamos. Não escolhi a pátria onde nascer, nasci no Brasil, porque Deus quis que nascesse aqui, talvez até tinha nações onde eu simpatizasse muito mais em viver, mas nasci dentro do meu Brasil, concordando ou não com muitas coisas que acontecem aqui dentro (...). A mesma coisa é partido, também fui convidada para participar da ARENA. E até poderia dizer aqui, com toda abertura de alma e coração, não fui eu quem a escolheu. Era uma mulher que brigava pelo direito da mulher e me foi dada uma oportunidade, foi

---

<sup>98</sup> MADEIRA, Rafael Machado. ARENA ou ARENA's? A coesão partidária da legenda do regime em três estados brasileiros. Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas UFRGS, Porto Alegre, 2002

me oferecida uma chance de participar, foi a ARENA que me convidou e não outro Partido. Ao contrário, o Presidente do seu Partido era meu vizinho e nunca me convidou e nunca mostrou interesse pelo meu trabalho junto à mulher.”<sup>99</sup>

Furtado também demonstrou sua gratidão pelo partido que a convidou para ingressar na vida política e sem o qual não poderia ter ocupado os espaços que ocupou e nem ter efetuado seu trabalho pela promoção feminina. Sua permanência na ARENA aparece, neste período, muito mais como uma dívida ou como fruto de sua gratidão pela legenda que lhe proporcionou conquistas do que por uma maior afinidade com a mesma e seus dirigentes. Defendendo a ideia de que não se deve abandonar as instituições das quais pertencemos e com as quais não concordamos em tudo e sim de que se deve permanecer e tentar modificar, reafirma sua vinculação à ARENA, pois:

“Foi a ARENA que me proporcionou a tribuna, e, graças a este partido ajudei muitas mulheres no Rio Grande do Sul (...) Sempre lutei pela mulher, abrindo caminho para as vereadoras de Porto Alegre, sendo a primeira Vereadora, quando mulher não participava em política, creio então, que, dentro deste Partido, consegui muita coisa. Apesar disso não concordo com muita coisa também e digo e brigo. Não vou “virar o cocho” e sair para outro Partido apenas por não concordar com tudo. Estou dentro de um Partido que me convidou e me escolheu e que, por isso, atuo nele e brigo dentro dele.(...)

Então, na realidade, onde quer que estejamos, seja na nossa Igreja, no nosso Partido, vamos ter a coragem de dizer as coisas de frente, aberta e sinceramente. Não há necessidade de mudar de partido. Não me sentiria bem. Parece que estaria “virando o cocho”. Não sou uma pessoa de usufruir as benesses ontem, e, hoje, mudar, até, quem sabe, mudar para receber votos, o que, às vezes, é fácil.”<sup>100</sup>

Em alguns de seus pronunciamentos, principalmente naqueles em que critica a ARENA/PDS e é chamada a sua atenção pelos seus colegas parlamentares sobre a incoerência de estar em um partido e criticá-lo ou criticar o governo desse mesmo partido, Dercy Furtado fazia questão de afirmar que sua ligação com a legenda não era tão grande assim. Através da argumentação de que foi convidada pela ARENA e que a oposição nunca lhe fez convite e nem lhe deu espaço, ou de que não se escolhem os partidos, assim como não se escolhe a família, nem o país em que se nasce, tenta, de certa forma, diminuir a sua estreita vinculação com o partido que lhe adotou e lhe deu a sigla por quatro mandatos.

Entretanto, se analisarmos bem a sua trajetória e a de seu marido podemos perceber que essa distância do partido não era tão grande assim. Apesar da afirmação de que nem ela e nem o marido fossem filiados a nenhuma sigla anterior à sua candidatura, podemos perceber que se não possuíam vínculos partidários institucionais com a legenda, tinham uma boa relação com seus integrantes, como é o caso de Telmo Thompson Flores, então prefeito de

<sup>99</sup> Anais da Assembleia Legislativa 19/1/1984

<sup>100</sup> Idem.

Porto Alegre, a quem ela muitas vezes se referiu como amigo.<sup>101</sup>

O mesmo tipo de contato pareceu ter o seu esposo, Jorge Alberto Jacobus Furtado que, em 1972 não era filiado a nenhum partido e, entretanto, em 1974 já assumia o importante cargo de secretário geral do Ministério do Trabalho, tendo inclusive substituído interinamente o então ministro Arnaldo Prieto. Através da ocupação desse cargo, pode-se aferir que se não possuía algum tipo de ligação com o partido ou com seus integrantes foi escolhido para o cargo somente baseado em critérios técnicos.

O fato é que, apesar de Dercy Furtado tentar diminuir sua vinculação com a ARENA e de alguns ideais do partido com os quais não concordava, descolando os seus mandatos voltados para a defesa dos direitos das mulheres, da atuação partidária mais ampla, percebe-se que ao mesmo tempo em que tinha certa autonomia na condução de suas atividades parlamentares, também votou com e defendeu o seu partido. Em suas tomadas de posição na defesa da ARENA/ PDS ou contra o MDB/PMDB, Furtado deixa transparecer que, apesar de sempre negar, havia motivos pelos quais se filiara ao partido. Aliás, o perfil da deputada e os ideais por ela defendidos estão muito mais de acordo com os valores defendidos pelo partido do governo. Como é o caso de um maior conservadorismo, que se reflete na defesa da família cristã, ou mesmo o anticomunismo, explicitado em muitas de suas falas e uma das maiores justificativas para a “Revolução”. A própria leitura do péssimo estado em que se encontrava o Brasil e o perigo do comunismo antes do golpe ia ao encontro das justificativas construídas pelos militares para a imposição do mesmo. Segundo ela, em pronunciamento em defesa de seu partido e sobre o período que antecedeu a implantação do Regime Militar: “naquele tempo a insegurança era dupla, pois originava-se no campo econômico e na fraqueza do governo desorientado. Hoje, felizmente temos governo.”<sup>102</sup>

Afora suas prováveis relações com membros da ARENA anteriores à sua filiação, a defesa do partido em muitas ocasiões e do seu próprio perfil condizente com o ideário da sigla, Furtado também exerceu papéis de grande importância na organização interna do mesmo; presidiu comissões, foi encarregada de implantar os setores femininos do partido em diversos municípios, organizou congressos sobre a promoção feminina dentro da sigla e foi inclusive responsável pela organização das campanhas eleitorais da ARENA em Porto Alegre, cargo do qual, na época muito se orgulhou.

Fazendo um balanço geral de sua passagem pela ARENA, que foi de 1972 até a segunda metade de 1985, quando migra para o PDT, e levando em conta sua grande

---

<sup>101</sup> FURTADO, 1974 p.42.

<sup>102</sup> Anais da Assembleia Legislativa 19/8/75

participação na organização interna do partido podemos perceber que a participação de Dercy Furtado foi válida e positiva não apenas para ela, mas também para o partido.

Foi inserida nessa legenda que construiu sua carreira política, tornando-se uma pessoa pública e explicitando seus ideais através de seus pronunciamentos ou da elaboração de projetos, como é o caso do Projeto do Planejamento Familiar, da Aposentadoria para a Dona de Casa, da Regulamentação dos Benefícios dos Maridos das Beneficiárias do IPERGS, da Implementação de Creches para os Filhos das Mães Trabalhadoras, do Curso de Preparação para o Casamento, etc. Sua atuação no meio político e seu futuro reconhecimento se deu, prioritariamente, dentro da ARENA.

Apesar das críticas que teceu aos rumos do Regime Militar, aos ditadores e sua estagnação frente às mudanças que o Brasil necessitava, ou mesmo à demora para a abertura política, sua participação no partido foi muito importante para a legitimidade e crescimento da legenda, seja por seu perfil conservador e atuante e sua inserção dentro de nichos bastante específicos da sociedade, como a Igreja e os movimentos de mulheres, seja por sua grande capacidade em atrair votos e apoio, não apenas em torno de seus mandatos, mas também em defesa dos candidatos e governo da ARENA.

Conhecida por seu ineditismo e protagonismo em torno da defesa dos direitos das mulheres e da promoção feminina, conseguiu se legitimar no poder, uma vez que se colocava como defensora de uma grande parcela da população porto alegre e gaúcha que não se via representada até então. Através do reconhecimento da validade de sua “luta” e de seus mandatos, Furtado não apenas conseguiu se promover, tornando-se conhecida e respeitada dentro do meio político, como também, por tabela, conferiu legitimidade ao partido que a acolheu.

Apesar desse balanço positivo dentro da ARENA, em meados de 1985 a parlamentar abandona a legenda e ingressa no PDT, afirmando sua gratidão pelo partido que a acolheu e que sempre foi coerente com o que defendeu, criticando o que precisava ser criticado e elogiando o que considerava positivo.

Nota-se, nos últimos dois anos que lhe restavam de mandato e que exerceu na nova legenda, uma mudança no perfil de seus discursos, agora muito mais voltados à defesa do PDT e de seus líderes como Alceu de Deus Collares e Leonel de Moura Brizola e a críticas ao governo do país. Há uma grande diminuição nos discursos em prol da emancipação feminina, tendo a deputada deixado, inclusive, de se manifestar, como sempre fazia anteriormente, no Dia Internacional das Mulheres. Talvez essa diminuição possa ser explicada pelo entusiasmo da deputada em estar inserida no novo partido que iria concorrer às eleições municipais em

1986 e no seu empenho em conseguir a vitória do mesmo ou talvez porque, saindo do PDS teve maior liberdade para manifestar as suas posições políticas, não necessitando ficar mais presa somente às questões femininas.

Com essa mudança de enfoque, passando de discursos em prol dos direitos das mulheres para outros em defesa do trabalhismo e de lideranças de esquerda como Ernesto Che Guevara, elogiando a campanha eleitoral do PDT e explicitando a certeza de um ótimo governo sob sua nova legenda, Furtado enfraquece a sua antiga bandeira de lutas, a sua “missão” e o seu “tesouro”, transformando o seu perfil parlamentar e afastando-se de sua base de apoio.

O fato é que, após sua mudança para o PDT e o paulatino enfraquecimento de sua atuação em defesa das questões relativas ao universo feminino, a deputada, que foi por quatro vezes a mais votada de seu partido e que foi, inclusive, cogitada como candidata à prefeitura da capital, acabou afastando-se de seu eleitorado e não conseguiu levar consigo sua votação expressiva, não atingindo sequer o suficiente para a sua reeleição em 1988.

O seu insucesso eleitoral pode ser explicado, possivelmente, pela sua mudança de partido, o que teria lhe acarretado a perda dos votos de pessoas fiéis à legenda, pelo seu afastamento da defesa dos direitos das mulheres e pela incorporação de novas problemáticas estranhas ao seu perfil político construído até então, ou, ainda, pelo surgimento de novos atores sociais e espaços que davam conta das problemáticas femininas, que acabaram diluindo o eleitorado, bem como a sua votação.

## Considerações Finais

Podemos perceber que a utilização feita por Dercy Furtado do “gênero feminino”, do “ser mulher” mostrou-se válida na esfera política a partir do modo como a ex-parlamentar dele se apropriou. Através da construção da imagem de representante das causas femininas e da sua auto proclamação como “a representante da mulher gaúcha”, bem como da conclamação à participação das mulheres nas mais variadas esferas da sociedade, Furtado aproveitou-se do fato de ser mulher e de “sentir na pele” as problemáticas pelas quais se batia.

Elaborando um discurso de que era necessária a ocupação feminina dos altos postos de comando da sociedade, não apenas porque julgava importante a atuação das mulheres num mundo onde as tomadas de decisões eram monopolizadas pelos homens, mas especialmente porque as mulheres seriam diferentes deles, possuindo qualidades necessárias à condução da política e do futuro da humanidade, Furtado não apenas incentivava suas companheiras, mas também legitimava-se no poder, tornando imprescindível a sua presença. A participação pela diferença estava centrada na interpretação de que as mulheres, diferentemente dos homens, possuíam os bons valores do amor, da pacificidade, do desvelo e da maternidade, tão caros à sua visão de sociedade.

Sua grande bandeira, a da promoção da mulher, estava baseada na passagem “de um estágio inferior para outro superior”, deixando de “ser objeto para ser sujeito” e baseava-se na valorização e no incentivo da participação das mesmas nos mais diversos segmentos da sociedade, nas universidades, no mercado de trabalho e dentro dos movimentos da Igreja. Entretanto, a luta por essa promoção deveria ser conquistada com a ajuda e o incentivo dos homens, não colocando em risco a felicidade conjugal e nem os bons valores intrínsecos às mulheres. A libertação defendida pela parlamentar não deveria retirar as atribuições dos seus papéis de mãe, esposa e trabalhadora.

A partir de sua concepção conservadora de um tipo de promoção, voltada, provavelmente, para a classe média e burguesia gaúcha, que praticamente reduzia a libertação feminina à possibilidade de estudar e trabalhar, criticou aquela outra defendida pelas feministas que questionavam exatamente os bons valores “intrínsecos às mulheres” e a manutenção dos estereótipos defendidos pela parlamentar. Acusando o trabalho dessas organizações de “egoísta” e “masculinizante” ou mesmo caracterizando as mulheres que as compunham como “frustradas”, Furtado marcou posição na disputa pelo que seria a validade da luta em defesa dos direitos da mulher, sensibilizando e atingindo aquelas que buscavam

uma promoção outra, que não a defendida pelas feministas.

Sua grande ligação e participação ativa nos movimentos da Igreja católica de Porto Alegre, igualmente foram de extrema importância, não apenas para que construísse um discurso condizente com os valores defendidos pela mesma, mas para que também criasse sua base de apoio, uma vez que, estando em evidência a partir da ocupação de importantes postos em suas atividades assistenciais, pôde tornar-se conhecida e reconhecida como uma mulher que lutava pela defesa dos bons valores cristãos e, principalmente, pela defesa de uma promoção feminina que não os colocassem em risco.

Sua inserção na política partidária se deu, de fato, após se tornar conhecida pelos seus trabalhos em prol da Igreja, proferindo palestras com o marido sobre uma família feliz e, sobretudo, pela sua participação na criação do Centro Arquidiocesano de Promoção da Doméstica, instituição da qual foi presidente e que lhe conferiu grande visibilidade e notoriedade. Segundo a parlamentar, foi por “todo este trabalho, em torno da família é que lembraram (seu) nome para a Câmara de Vereadores”.

Dentro da ARENA/PDS ocupou importantes cargos e funções, defendendo o partido e também criticando-o quando julgava necessário. No final de seu último mandato percebe-se o aumento das críticas ao partido e também uma postura mais à esquerda, afirmando, inclusive, ser comunista. Quando de sua migração para o PDT, há uma alteração no seu perfil parlamentar, se afastando das problemáticas femininas e se engajando na campanha eleitoral em prol do PDT e de seu programa partidário, o trabalhismo.

Enfim, sua pregação em torno da defesa dos direitos das mulheres parece não ter cortado as amarras da opressão que lhes era imposta. Apesar de lutar e defender muitos interesses referentes ao universo feminino, Furtado favoreceu, especialmente aqueles que não questionavam os valores e os papéis femininos já estabelecidos. Sua promoção estava baseada, especialmente, no incentivo e no direito ao estudo e trabalho, e impregnada de um conservadorismo oriundo de sua ligação com os setores conservadores da Igreja, bem como do reacionarismo do seu partido.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2005.

AZEVEDO, Francisca L.N de. “Biografia e Gênero”. In: GUAZZELLI, César A.B; PETERSEN,S.R.F; SCHIMIDT,B.B; XAVIER,R.C.(org.) *Questões de Teoria e Metodologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p.133-4.

BARREIRA, Irllys Alencar F. “Ideologia e Gênero na Política: estratégias de identificação em torno de uma experiência”, *Revista Dados 3*, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1993.

\_\_\_\_\_. Entre mulheres: jogo de identificações e diferenças em campanhas eleitorais. In: BARREIRA, Irllys A.F. *Candidatos e Candidaturas: enredos da campanha eleitoral no Brasil*, São Paulo: Annablume, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina. (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. 11ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella M.A. A mulher e o espaço público. In: *Jogos da política: imagens, representações e práticas*. São Paulo: Marco Zero: FAPESP, 1992.

CORADINI, Odaci Luiz. *Em nome de quem? Recursos sociais no recrutamento de elites políticas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ:Núcleo de Antropologia Política, 2001.

FURTADO, Dercy, *Orações que mamãe me ensinou*. 5ª edição. Porto Alegre: Editora da FEPLAM,1984,

\_\_\_\_\_. *Opinião*. Porto Alegre: Editora da FEPLAM, 1974.

\_\_\_\_\_. *“Cortando as amarras”- depoimento*. Editora Thesaurus, Porto Alegre,1977.

GRECCO, Heloísa. *Dimensões fundacionais da luta pela anistia*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Tese de Doutorado em História.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Apóstata do germanismo ou alemão arrivista: A trajetória de Lindolfo Collor até a revolução de 1930. In: *Anos 90*, Porto Alegre, nº15, 2001/2002.

\_\_\_\_\_. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz. *Estudo de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS,2008.

\_\_\_\_\_. *Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos de componentes da chamada “Geração de 1907”*. Dissertação de Mestrado em História. 1998. UFRGS.

GRYNSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem, um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de ciências sociais*, nº 14, p.73-90, out. 1990.

IRIGARAY, Teresinha. *À sombra da revolução: estórias de um cotidiano*. Porto Alegre: Intermédio 1999.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. 1989. In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

MADEIRA, R.M. *ARENA ou ARENA's? A coesão partidária da legenda do regime em três estados brasileiros*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

MEDEIROS, Márcia Maria de Porton; MERMANN, Tânia Regina. Biografia e gênero: repensando o feminino. *Revista de História Regional* 9(1): 31-44, Verão 2004.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1982)*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos ( 1970- 1978). *Revista brasileira de história*, vol. 26 nº 52. Dez/2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. Afinal, o que querem as mulheres na política? ( Candidatas à Câmara Municipal em Porto Alegre) In: BARREIRA, Irllys e PALMEIRA, Moacir. *Candidatos e Candidaturas: enredos da campanha eleitoral no Brasil*, São Paulo: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_. Donas de casa, mães, feministas, batalhadoras: mulheres nas eleições de 1994 no Brasil. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.2, nº2, 1994.

\_\_\_\_\_. *Perfis, trajetórias e desempenhos. Uma pesquisa com vereadoras gaúchas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS,2000.

PORTUGAL, Ana Maria(org). *Mujeres e iglesia. Sexualidad y aborto em América Latina*. Washington, DC: Católicas por el Derecho a Decidir,1989.

SINGER,Paul. “O feminino e o feminismo” IN: SINGER,Paul e BRANT, Vinícius Caldeira (organizadores) São Paulo. *O povo em movimento* . Editora Vozes Ltda. Em co-edição com CEBRAP, 1983.

TABAK, Fanny e TOSCANO, Moema. *Mulher e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1982.